

“O LÁBARO”

PENSAMENTO GLOBAL, AÇÃO LOCAL

WWW.JORNALOLABARO.COM.BR

SEMINÁRIO DE ECONOMIA DA
CULTURA COLOCA O FUTURO
DE PARACATU EM DEBATE

Página 2

MEGA DATA CENTER COLOCA
ÁGUA E FUTURO DE PARACATU
NO CENTRO DO DEBATE

Página 11

TAPUIADA VOLTA A
CELEBRAR A CULTURA E
A HISTÓRIA DE PARACATU

Página 15

A FORÇA DA EXPERIÊNCIA NAS URNAS

O voto que constrói o amanhã: Em pleito histórico, milhões de brasileiros de todas as gerações reafirmam o compromisso com a democracia para definir os rumos do país.

Página 9



Tem que ter informação
de qualidade,
respeito e diálogo
para escolher bem.



Cuide bem
do seu **voto**

ACESSE [ALMG.GOV.BR/VOTE](https://almg.gov.br/vote)



Quando o ódio sai da tela e chega à vida real

A violência contra a mulher também cresce nas redes sociais, onde palavras, ameaças e discursos de ódio podem abrir caminho para agressões ainda mais graves



A violência contra a mulher não acontece somente dentro de casa, nas ruas ou no trabalho. Ela também está crescendo em um espaço que faz parte da vida de quase todos nós: a internet.

Todos os dias, mulheres são xingadas, ameaçadas, humilhadas e atacadas nas redes sociais. O que muitas vezes começa com um comentário ofensivo pode ganhar proporções muito maiores. Na internet, o ódio se espalha rapidamente, encontra outras pessoas que pensam da mesma forma e acaba criando verdadeiras redes de intolerância.

Dados divulgados pelo Jornal da USP mostram que as denúncias de discursos de ódio contra mulheres cresceram 224%. É um número que precisa nos fazer parar e pensar.

Também preocupa o crescimento de grupos conhecidos como “machosfera”, que espalham pela internet ideias de que as mulheres são inimigas, inferiores ou responsáveis pelos problemas dos homens. Muitos desses conteúdos chegam aos jovens e adolescentes, justamente em uma fase em que estão formando seus valores e sua maneira de enxergar o mundo.

E quando o ódio é repetido todos os dias, ele pode começar a parecer normal.

Esse é um dos grandes perigos.

A internet não é um mundo separado da nossa vida. O que é dito atrás de uma tela pode atingir uma pessoa de verdade. Pode causar medo, sofrimento, isolamento e, em casos extremos, incentivar agressões.

Mulheres que têm voz pública também são alvo. Jornalistas, ativistas, políticas e outras mulheres que ocupam espaços de liderança enfrentam ameaças e campanhas de ódio simplesmente por se posicionarem e exercerem seu trabalho.

Da ameaça à violência

É preciso entender que a violência não começa necessariamente com um soco. Muitas vezes, ela começa com uma palavra, uma ameaça, uma humilhação ou com a ideia de que uma mulher não tem o direito de dizer “não”.

Os números da violência contra a mulher no Brasil mostram que o problema é muito maior do que aquilo que aparece nas redes sociais.

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública registrou 1.518 feminicídios, o maior número da série histórica. Isso significa que, em média, uma mulher foi morta a cada seis horas por razões relacionadas ao gênero.

Existe ainda uma parte dessa realidade que permanece escondida.

Muitas mulheres sofrem violência e não procuram ajuda. Por medo, vergonha,

falta de apoio ou por acreditarem que ninguém vai acreditar nelas. Segundo dados do Mapa Nacional da Violência de Gênero, do Senado Federal, estima-se que 87% das vítimas de violência familiar ou doméstica não registram formalmente a ocorrência.

Por trás de cada número existe uma mulher. Existe uma história. Existe uma família. Existe uma vida que poderia ter seguido outro caminho.

Não podemos achar isso normal

É por isso que precisamos falar sobre a violência digital com a mesma seriedade com que falamos da violência física.

Liberdade de expressão não pode ser confundida com liberdade para ameaçar, humilhar ou incentivar o ódio contra alguém.

Precisamos ensinar nossos filhos e jovens a usar a internet com responsabilidade. Precisamos prestar atenção no que eles assistem, nos grupos dos quais participam e nas ideias que estão sendo apresentadas a eles como se fossem verdades.

E, principalmente, precisamos parar de achar que determinadas “brincadeiras” são inofensivas quando elas diminuem, humilham ou desrespeitam as mulheres.

O combate à violência contra a mulher começa muito antes da agressão. Começa na educação, dentro de casa, na escola, nas conversas entre amigos e também na forma como usamos as redes sociais.

E há uma responsabilidade que não pode ser deixada de lado. Estamos entrando em mais um período político e eleitoral, e esse também precisa ser um momento de compromisso com o respeito. Candidatos, partidos e pessoas que ocupam ou pretendem ocupar espaços públicos precisam assumir sua parte nessa luta. Não basta falar sobre violência contra a mulher depois que uma tragédia acontece. É preciso ajudar a prevenir, combater discursos de ódio e não permitir que ataques, ameaças e humilhações sejam usados como ferramenta de disputa política.

Por isso, campanhas de conscientização e prevenção precisam ser ampliadas. Quanto mais cedo falarmos sobre respeito, igualdade e responsabilidade nas redes, maiores serão as chances de impedir que o ódio avance.

Não podemos esperar que o ódio chegue à violência para só então perceber que havia sinais pelo caminho.

Uma sociedade que respeita suas mulheres é uma sociedade que ensina seus meninos a respeitá-las. E isso é responsabilidade de todos nós — inclusive daqueles que escolhemos para nos representar.

A Editora

Seminário de Economia da Cultura coloca o futuro de Paracatu em debate

Terceira etapa do evento reuniu especialistas para discutir cultura, trabalho, meio ambiente, novas economias e caminhos para gerar oportunidades e renda no município

Entre os dias 10 e 12 de setembro, Paracatu recebeu a terceira etapa do Seminário de Economia da Cultura, que neste ano teve como tema “Olhares para o Futuro”. Realizado na Câmara Municipal, o encontro reuniu especialistas, profissionais da cultura e participantes para discutir os desafios do presente e pensar caminhos para o futuro do município.

A proposta do seminário parte de uma ideia simples: a cultura não deve ser vista apenas como complemento do desenvolvimento, mas como uma força capaz de gerar trabalho, renda, conhecimento e novas oportunidades.

A programação de 2026 deu continuidade às discussões iniciadas nas edições anteriores. Em 2024, o tema foi “Cultura: Território em Expansão”. No ano seguinte, o debate abordou “A Cultura e os Desafios do Século XXI”, colocando em pauta questões como clima, tecnologia, trabalho e sustentabilidade.

Nesta terceira edição, o olhar se voltou para o futuro, diante de mudanças que já fazem parte da realidade, como a crise climática, as transformações no mercado de trabalho e a necessidade de criar novas oportunidades de emprego e renda.

Cultura e desenvolvimento

A abertura, realizada na noite do dia 10, contou com a participação de especialistas de diferentes áreas. Cláudia Leitão falou sobre economia criativa e desenvolvimento; Helen Ulhoa abordou as vocações e os saberes de Paracatu e suas possibilidades para o futuro; e Lala Deheinzelin, especialista em novas economias e futuro, trouxe reflexões sobre as transformações que já estão acontecendo no mundo.

Também participou da programação Fábio Scarano, professor e pesquisador, que tratou de mudanças climáticas, ecologia e desenvolvimento sustentável.

Os debates mostraram que falar sobre futuro é também olhar para aquilo que já existe no território. A cultura, os conhecimentos tradicionais, a criatividade e as vocações locais podem contribuir para a construção de uma economia mais diversificada e sustentável.

Durante sua participação, Cláudia Leitão anunciou ainda mudanças na estrutura do Conselho Nacional de Política Cultural (CNPC), que contará com um colegiado voltado à Economia Criativa, outro dedicado ao Artesanato e uma Câmara específica para as Áreas Técnicas.

A nova estrutura amplia a participação dos profissionais que trabalham nos diferentes setores da cultura, inclusive aqueles que atuam nos bastidores das atividades culturais. Os trabalhadores poderão participar como eleitores ou se candidatar para representar seus territórios e suas áreas de atuação.

Trabalho em um mundo em transformação

Na sexta-feira, dia 11, o seminário



continuou com o Painel 2 – Ocupações em um Mundo em Transformação, reunindo discussões sobre trabalho, saúde mental, cultura, clima e educação.

Rômulo Avelar falou sobre Cultura e Mercado de Trabalho, destacando a necessidade de profissionais qualificados para fortalecer a gestão e a produção cultural e ampliar as possibilidades de geração de renda no setor.

O tema do bem-estar e da saúde mental foi apresentado por Evanir da Costa Filgueiras, que chamou atenção para a importância do cuidado diante das mudanças e incertezas do mundo atual.

Já Renata Moraes abordou a relação entre Cultura, Clima e Educação, mostrando que o enfrentamento da crise climática também depende da formação, da participação da sociedade e da capacidade de mobilizar as pessoas para novas atitudes.

Além das apresentações, os painéis abriram espaço para escuta e troca com a plateia, aproximando os temas discutidos da realidade de Paracatu.

Do debate à ação

O encerramento da terceira etapa aconteceu no dia 12, com Fábio Scarano, no painel “Olhares para o Futuro: da Reflexão à Ação”.

A proposta do encontro foi justamente não apresentar respostas prontas, mas levantar perguntas e estimular a participação de quem vive o cotidiano da cidade.

O seminário também faz parte de um ciclo que reúne diferentes etapas de formação e discussão. Entre elas estão o Laboratório de Alfabetização em Futuros, do Museu do Amanhã, e o Bootcamp realizado com o Sebrae, antes da etapa de Diálogos.

Os participantes que concluírem as quatro etapas previstas no ciclo ainda poderão concorrer a uma missão cultural no Museu do Amanhã e na Funarte.

O 3º Seminário de Economia da Cultura de Paracatu é uma realização da Associação de Guias de Turismo do Noroeste de Minas (Guiastur), com patrocínio da Kinross Paracatu, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, e apoio institucional do Sebrae e da Academia de Letras do Noroeste de Minas.

Ao colocar a cultura no centro das discussões, o seminário deixa uma mensagem importante para Paracatu: pensar o futuro também é reconhecer o valor do que a cidade já tem e transformar seus saberes, sua criatividade e suas vocações em novas possibilidades para a comunidade.

EXPEDIENTE

Editora: Uldicéia Rigueti
Contato: Fone: (38) 99915-4652
 E-mail: uldiceiaoliveira@hotmail.com
Jornalista Responsável:
 Uldicéia Oliveira Rigueti
 Registro Profissional: 0021336/MG

Conselho Editorial:
 Uldiele Oliveira Rigueti
 Clara Oliveira Rigueti
Impressão:
 Gráfica & Editora Vale Flamboyant Ltda
 Rua Marechal Mascarenhas de Moraes, 485

Parque Residencial Lagoinha
 CEP- 14095120 - Ribeirão Preto/ SP
 CNPJ 21.238.607/0001-84
Diagramação:
 Alexandre Sasdelli
 xandesasdelli@gmail.com

Os textos devidamente assinados são de responsabilidade de seus autores e não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

Ligue e Denuncie

Bicicletas elétricas: um alerta para a segurança nas ruas de Paracatu

Uso sem cuidado, principalmente por adolescentes, aumenta os riscos de acidentes e chama a atenção para a necessidade de orientação, responsabilidade e fiscalização

As bicicletas elétricas chegaram às ruas como uma opção prática, moderna e econômica de transporte. Mas, junto com elas, surgiu também uma preocupação que já pode ser percebida no dia a dia de Paracatu: o uso sem os devidos cuidados, principalmente por adolescentes.

Quem circula pelas ruas e avenidas da cidade, especialmente nos horários de entrada e saída das escolas, tem encontrado jovens andando em alta velocidade, fazendo manobras entre carros, cruzando vias movimentadas e, sem capacete. Em alguns casos, o celular e os fones de ouvido também fazem parte dessa rotina, aumentando ainda mais o risco de acidentes.

O problema não está na bicicleta elétrica. Ela pode, sim, ser um importante meio de transporte e contribuir para uma cidade mais sustentável. A preocupação está na forma como alguns desses veículos vêm sendo utilizados. Rua não é lugar para brincadeira, disputa ou imprudência.

Uma bicicleta elétrica pode alcançar velocidades consideráveis. Em uma queda ou colisão, a força do impacto pode provocar ferimentos graves, tanto para quem conduz quanto para pedestres, motociclistas e motoristas. Um simples descuido pode transformar uma situação comum em uma tragédia.

Outro ponto que merece atenção é o desconhecimento sobre as regras de trânsito. Nem todo veículo vendido como bicicleta elétrica recebe, perante a legislação, o mesmo tratamento. Dependendo de suas características, como potência, velocidade e forma de acionamento, o veículo pode ser enquadrado em outra categoria e estar sujeito a regras específicas.

Por isso, antes de comprar ou permitir que um adolescente utilize uma bicicleta elétrica, é importante que os pais conheçam as regras e orientem seus filhos. Capacete, atenção ao trânsito, respeito aos pedestres e



nada de celular ou fones de ouvido durante a condução devem ser cuidados básicos.

Responsabilidade de todos

A segurança no trânsito não depende apenas da fiscalização. Começa dentro de casa, com a orientação dos pais e responsáveis. Se o adolescente ainda não tem maturidade para compreender os riscos e respeitar as regras, talvez também não esteja preparado para circular sozinho pelas ruas.

As escolas também podem contribuir, promovendo ações educativas e conversas sobre segurança no trânsito. Da mesma forma, o poder público precisa acompanhar essa nova realidade e reforçar a orientação e a fiscalização nos pontos onde há maior circulação desses veículos.

Não se trata de proibir as bicicletas elétricas, mas de ensinar a usá-las com responsabilidade. Toda novidade que chega às ruas precisa ser acompanhada de informação, educação e respeito às regras.

Paracatu cresce, suas ruas ficam mais movimentadas e novos meios de transporte passam a fazer parte da rotina da população. O que não pode crescer junto é a imprudência.

Antes que um acidente grave aconteça, é preciso agir. Porque, no trânsito, um segundo de distração pode custar uma vida inteira. E nenhuma pressa, nenhuma brincadeira e nenhuma mensagem no celular vale mais do que a vida.

Setembro chega com alerta para as queimadas

Período de seca e vegetação ressecada aumenta o risco de incêndios; em Paracatu e região, prevenção precisa começar antes que o fogo apareça

Setembro chegou e, com ele, um alerta que se repete todos os anos: o risco de queimadas aumenta nesta época do ano. Em Paracatu e na região, onde os períodos de tempo seco costumam favorecer a propagação do fogo, a atenção precisa ser dobrada.

Nesta época, a vegetação fica mais seca e uma pequena chama pode ganhar grandes proporções em pouco tempo. O fogo pode começar em um terreno, às margens de uma estrada, em uma área rural ou próxima às cidades e se espalhar rapidamente com a ajuda do vento.

O problema não é apenas ambiental. A fumaça prejudica a qualidade do ar, afeta a saúde das pessoas, assusta moradores, ameaça animais e pode colocar em risco propriedades e vidas.

Um alerta que se repete todos os anos

Não é novidade que setembro exige cuidado. Todos os anos, a chegada do período mais seco aumenta a preocupação com os incêndios.

Em 2026, o cenário climático reforça a necessidade de prevenção. O Painel El Niño 2026-2027, produzido por órgãos federais, acompanha a possibilidade de um episódio forte do fenômeno e seus possíveis impactos sobre o clima brasileiro. O Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) também aprovou uma moção chamando a atenção para a necessidade de medidas preventivas diante dos possíveis impactos do El Niño.

Para Paracatu e os municípios da região, o alerta é simples: não espere a fumaça aparecer para lembrar do perigo.

Uma pequena atitude pode evitar um grande incêndio

Queimar lixo, folhas ou limpar terrenos utilizando fogo pode parecer uma solução rápida, mas a chama pode fugir do controle.

Uma bituca de cigarro jogada às margens de uma estrada, uma fogueira mal apagada ou uma queimada iniciada em um terreno podem ser suficientes para provocar um incêndio.



Por isso, neste período, todo cuidado é pouco.

Não coloque fogo em lixo ou terrenos. Não jogue cigarros em áreas de vegetação. Evite qualquer atitude que possa iniciar uma queimada.

Ao perceber um incêndio ou princípio de fogo, a orientação é comunicar imediatamente os órgãos responsáveis, sem tentar enfrentar sozinho as chamas.

Paracatu precisa fazer sua parte

O período de seca faz parte do calendário de todos os anos. Por isso, a prevenção também deveria fazer parte da rotina.

Manter terrenos limpos, evitar o uso do fogo e orientar crianças, moradores e trabalhadores sobre os riscos são atitudes simples que podem evitar grandes prejuízos.

Combater uma queimada depois que ela começa é muito mais difícil do que impedir que ela aconteça.

Setembro é mês de atenção. Em Paracatu e região, onde todos os anos o fogo volta a preocupar, o melhor incêndio continua sendo aquele que não começa.

Fontes: INPE/CPTEC – Painel El Niño 2026-2027; Instituto Nacional de Meteorologia (INMET); Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden); Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama).

Paracatu reduz em 95% os casos de dengue com trabalho contínuo de prevenção

Resultado entre 2024 e 2026 mostra os efeitos das ações de combate ao Aedes aegypti e reforça a importância da participação da população

Paracatu tem uma boa notícia na área da saúde. O município registrou uma redução de 95% nos casos de dengue entre 2024 e 2026. O resultado é fruto de um trabalho contínuo de prevenção, acompanhamento e combate ao mosquito Aedes aegypti, realizado pelas equipes da Prefeitura, por meio da Secretaria Municipal de Saúde, com a participação da população.

O combate à dengue não acontece somente quando os casos aumentam. Durante todo o ano, as equipes da Vigilância Epidemiológica percorrem os bairros de Paracatu, levando orientação aos moradores e verificando possíveis locais de reprodução do mosquito. Anualmente, são realizadas cerca de 190 mil visitas domiciliares.

Esse trabalho permanente permite identificar situações de risco, orientar as famílias e reforçar os cuidados necessários para evitar a proliferação do Aedes aegypti, mosquito responsável pela transmissão da dengue e de outras doenças.

Para o prefeito Pedro Adjuto, a redução dos casos mostra que o investimento em prevenção e saúde pública traz resultados para a população.

“Reduzir em 95% os casos de dengue é

uma conquista que merece ser comemorada, mas, principalmente, mostra que estamos no caminho certo. É resultado de planejamento, trabalho das nossas equipes e, também, da participação da população. Quando o poder público investe e a comunidade faz a sua parte, conseguimos proteger vidas e melhorar a saúde de todos”, destacou.

Além das ações de vigilância e prevenção, o município também vem ampliando os investimentos na área da saúde. Mais de R\$ 84 milhões foram destinados ao setor, fortalecendo a estrutura e os serviços oferecidos à população.

CUIDADOS DENTRO DE CASA

Mesmo com a queda expressiva nos casos de dengue, a prevenção precisa continuar. O Aedes aegypti se reproduz em locais onde existe água parada, e muitos desses criadouros podem estar dentro ou nos arredores das próprias casas.

Por isso, a orientação é que cada morador reserve alguns minutos por semana para fazer uma vistoria no quintal e dentro de casa. Vasos de plantas, calhas, caixas-d'água, ralos, pneus, garrafas, recipientes e outros objetos que possam acumular água devem ser verificados.

São cuidados simples, mas que fazem



diferença. Eliminar a água parada é uma das principais formas de impedir que o mosquito se reproduza.

O secretário Municipal de Saúde, Umarques Couto, destaca que a redução dos casos representa um avanço importante, mas não significa que a população possa deixar os cuidados de lado.

Segundo ele, as equipes de vigilância continuam trabalhando de forma permanente, acompanhando o cenário da doença, orientando os moradores e mantendo o município preparado para evitar uma nova circulação da dengue.

“A redução de 95% nos casos de den-

gue é resultado de um trabalho contínuo, que envolve planejamento, atuação das nossas equipes, investimentos e, principalmente, a participação da população. É uma conquista importante para Paracatu, mas precisamos manter os cuidados e as ações de prevenção para preservar esse resultado e continuar protegendo a saúde das pessoas”, afirmou.

A queda nos casos mostra que prevenir funciona. Mas também deixa um recado importante: o combate à dengue precisa continuar todos os dias. Poder público e comunidade, juntos, podem evitar criadouros, reduzir os riscos e proteger a saúde de toda Paracatu.

Escutar também é uma forma de cuidar

Setembro Amarelo chama a atenção para a prevenção do suicídio e lembra que estar presente, ouvir sem julgamentos e acolher pode ser o primeiro passo para ajudar quem enfrenta um sofrimento que muitas vezes não consegue colocar em palavras

ILUSTRAÇÃO: O LÁBARO/INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Vivemos em um tempo de muita pressa. As pessoas correm, trabalham, cuidam da casa, dos filhos, enfrentam problemas e, muitas vezes, seguem em frente mesmo quando por dentro não estão bem. Temos mais formas de comunicação, mais telas e mais mensagens, mas isso não significa, necessariamente, que estamos ouvindo melhor uns aos outros.

É nesse cenário que o Setembro Amarelo traz uma mensagem que parece simples, mas carrega um significado profundo: “Escutar é estar presente”. A proposta do Centro de Valorização da Vida (CVV) é chamar a atenção para a importância de uma escuta acolhedora, atenta e sem julgamentos para quem enfrenta sofrimento emocional.

Escutar de verdade é diferente de simplesmente ouvir. É parar por alguns minutos, olhar para a pessoa que está falando, deixar o celular de lado e permitir que ela diga aquilo que talvez esteja guardando há muito tempo.

Nem sempre será possível encontrar a palavra certa. Nem sempre teremos uma solução para oferecer. Mas podemos demonstrar que aquela pessoa importa.

Uma dor que nem sempre aparece

O sofrimento emocional nem sempre pode ser percebido por quem está ao redor. Há pessoas que continuam trabalhando, estudando, cuidando da família e sorrindo, enquanto enfrentam silenciosamente sentimentos de tristeza, solidão, medo ou desesperança.

Por isso, o cuidado começa também pela atenção.

Uma mudança de comportamento, um isolamento maior, uma fala que demonstra sofrimento ou uma pessoa que passa a dizer que não consegue mais suportar determinada situação podem merecer atenção. Isso não significa fazer diagnósticos, mas perceber que talvez seja hora de se apro-

ximar e perguntar, com sinceridade: “Você está bem? Quer conversar?”

E, principalmente, saber ouvir a resposta.

A prevenção do suicídio é uma questão complexa e envolve diferentes fatores. O Ministério da Saúde destaca que o suicídio pode ser prevenido e que reconhecer sinais de alerta e buscar ajuda são atitudes importantes.

Setembro para lembrar o ano inteiro

O Setembro Amarelo também ganhou um importante marco legal no Brasil. A Lei nº 15.199, de 2025, instituiu oficialmente a campanha em todo o território nacional e estabeleceu 10 de setembro como Dia Nacional de Prevenção do Suicídio e 17 de setembro como Dia Nacional de Prevenção da Automutilação. A legislação também prevê ações de conscientização, redução do preconceito e incentivo à busca por ajuda.

Mas falar sobre saúde mental não pode ser responsabilidade de apenas um mês.

É preciso construir uma sociedade em que pedir ajuda não seja motivo de vergonha. Uma família que conversa. Uma escola que acolhe. Um ambiente de trabalho que respeita. Amigos que percebem quando alguém não está bem. E uma rede pública preparada para receber quem precisa de atendimento.

Cuidar da saúde mental também é uma responsabilidade coletiva.

Quando for preciso, peça ajuda

O lema da campanha da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) e do Conselho Federal de Medicina (CFM) reforça essa necessidade: “Se precisar, peça ajuda!”. A campanha busca ampliar a conscientização sobre a prevenção do suicídio e orientar para o cuidado adequado.

Quem estiver passando por um mo-



mento de sofrimento emocional pode procurar ajuda profissional na rede de saúde. As unidades básicas de saúde e os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) fazem parte dessa rede de cuidado.

O Centro de Valorização da Vida (CVV) também oferece apoio emocional pelo telefone 188, gratuitamente, 24 horas por dia, além de atendimento por outros canais.

Em uma situação de emergência, quando há risco imediato, deve-se procurar atendimento de urgência ou acionar o SAMU, pelo telefone 192.

Talvez alguém perto de nós esteja precisando

O Setembro Amarelo nos convida a olhar um pouco mais para o lado.

Talvez seja um amigo que deixou de conversar. Um familiar que parece diferente. Um colega que anda mais calado. Um jovem que se isolou. Ou até alguém que sempre parece forte, mas que pode estar carregando uma dor que ninguém conhece.

Não precisamos ter todas as respostas.

Às vezes, podemos começar simplesmente estando presentes.

Escutar não resolve todos os problemas, mas pode mostrar a alguém que ela não está sozinha.

E talvez essa seja uma das formas mais bonitas de cuidar: diminuir a pressa, abrir espaço para o outro falar e lembrar que, por trás de cada pessoa, existe uma história que merece ser ouvida.

Setembro Amarelo passa. O cuidado precisa continuar.

Referências

Centro de Valorização da Vida (CVV) — confirma o tema de 2026, “Escutar é estar presente”, e as informações sobre o serviço 188.

Ministério da Saúde — referência para informações sobre prevenção do suicídio e sinais de alerta.

Presidência da República / Planalto — para a Lei nº 15.199/2025, que instituiu oficialmente o Setembro Amarelo e as datas nacionais de prevenção do suicídio e da automutilação.

SAMU – 192 — para situações de emergência, informação que também aparece em orientações de órgãos públicos de saúde.

Paracatu reúne municípios em debate sobre os caminhos da educação pública

Encontro Undime MG + Perto promove formação, troca de experiências e discussão sobre os principais desafios das redes municipais de ensino

A educação pública municipal esteve no centro das discussões em Paracatu durante a etapa local do Encontro Undime MG + Perto. Realizado na sede da Associação dos Municípios do Noroeste de Minas (AMNOR), o encontro reuniu gestores e equipes técnicas dos municípios das regiões de Paracatu, Patos de Minas e Unaí.

Promovida pela União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação de Minas Gerais (Undime MG), em parceria com a Fundação da Gide (FDG), a iniciativa tem percorrido diferentes regiões do Estado com uma proposta simples e necessária: aproximar os municípios, compartilhar experiências e buscar caminhos para melhorar a gestão e a aprendizagem.

Entre os assuntos debatidos estiveram os resultados do Ideb 2025, a importância da educação infantil, o Plano Municipal de Educação (PME), os desafios para 2027, além de temas como aprendizagem, fluxo escolar, equidade e VAAR (Valor Aluno Ano Resultado).

Para o secretário Municipal de Educação e Tecnologia, Thiago de Deus, sediar o encontro foi uma oportunidade de fortalecer a cooperação entre os municípios.

“Paracatu se sente satisfeita em acolher os municípios e estar à disposição



para compartilhar experiências. A Undime Mais Perto é uma oportunidade de conhecer as ações e iniciativas da Undime e fortalecer o trabalho dos dirigentes municipais de educação”, afirmou.

Troca que fortalece as redes

A importância do trabalho conjunto foi destacada pelo representante da Undime e dirigente municipal de Educação de Curvelo, Alessandro Gomes Soares. Segundo ele, a educação não pode ser construída de forma isolada e envolve todos os profissionais que fazem parte

das escolas e das redes de ensino.

“O aluno é mineiro e é responsabilidade de todos nós. Educação não se faz de forma isolada. Todos os profissionais que atuam na escola são educadores”, destacou.

O CEO da Fundação da Gide, Rodrigo Godoy, ressaltou ainda a importância de acompanhar os resultados e utilizar os dados como apoio para o planejamento das ações. Para ele, diagnóstico, foco, acompanhamento e ação são etapas importantes para transformar informações em decisões.

Também participaram do encontro a especialista da FDG, Rosângela Torres de

Sá, a coordenadora da Superintendência Regional de Ensino de Paracatu, Cândida Avelar, além de gestores e equipes técnicas dos municípios participantes.

Mais do que uma agenda de formação, o encontro mostrou a importância de colocar diferentes municípios em torno da mesma mesa. Na educação, compartilhar experiências, reconhecer desafios e construir soluções em conjunto pode contribuir para fortalecer as redes municipais e, principalmente, criar melhores condições para a aprendizagem dos estudantes.

Memórias circenses na Paracatu oitocentista



Imagem obtida com emprego de IA, para ilustrar, ficticiamente, o circo Olímpico no Largo D'Abadia, em Paracatu, no século XIX.

Por: Carlos Lima (Arquivista)

O ano era 1862 e um manuscrito raríssimo, até agora entranhado no célebre acervo do Arquivo Público Municipal, traria ao conhecimento de todos sobre uma apresentação do Circo Olímpico na cidade de Paracatu, lá pelos idos de 1862, em virtude da existência de um processo crime relacionado ao desaparecimento de uma jóia pertencente a uma senhora que assistia ao espetáculo daquela companhia circense.

Rezam os autos, que embora já acumulem 164 anos de resistência e encontrem-se em perfeito estado de conservação, que “na noite do dia 26 do pós passado mes de Abril [de 1862] para assistir o espetáculo, ou Circo Olímpico em casa do Capitam Justiniano de Mello Franco, do qual é Diretor José Marques Ferreira, aconteceu sua senhora perder no dito Circo um memoria de ouro que estava com ella no dedo, cuja memoria o suplicante a estima na quantia de cem mil réis por ter uma cravação de pedras de diamantes com uma maior no meio, e por ser obra de merecimento feita na cidade da Diamantina, e tendo o suplicante certeza que a referida perda tivera lugar no mesmo Circo e não em outra qualquer parte” (folha 2) ajuizava naquela ocasião, portanto, uma ação na justiça contra o escravizado Pedro, pertencente àquele citado Diretor da companhia circense.

No termo de juramento, à folha 3 verso do histórico processo, onde se lê que “em casa de residência do Tenente Coronel Pedro Antônio Roquete Franco, Delegado de Polícia deste Termo [do Paracatu], sendo eu

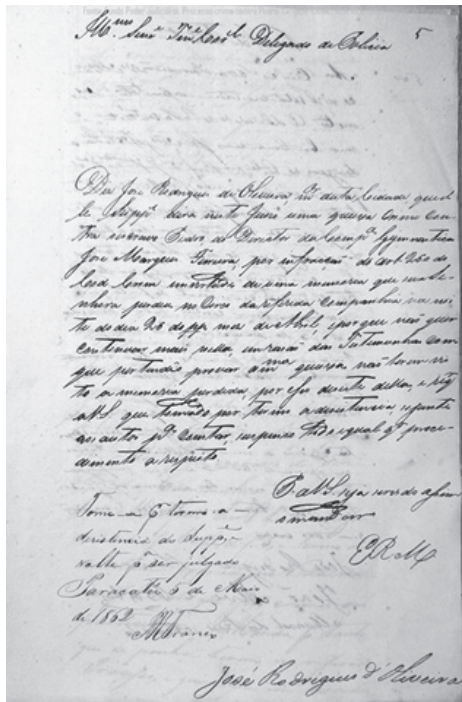


escrivão do seo cargo, abaixo nomeado, fui vindo, presente José Rodrigues de Oliveira, o queixoso, o Juiz lhe deferio o juramento ao Santos Evangelhos em hum livro delles, em que pôs a sua mão direita, e por elle foi declarado que jurava em sua alma ser verdadeira a queixa, e que ella é dada, sem dolo, nem malícia, e só a bem da justiça “. Estava em andamento, portanto, a formação de culpa num cenário que, ao contrário da graça e da emoção típicas das atrações circenses, seria marcado, em sua essência, pela suspeita de um delito e mera acusação que recaía sobre alguém tão simplesmente pela razão de sua condição de escravizado.

Certificava o escrivão, José Francisco Caldas, à folha nº 4 do triste e lastimável documento, que houvera citado “ao Doutor José Marques Ferreira; às testemunhas Damião Pereira da Silva, Joanna Diolinda de Souza, ao Capitam Justiniano de Mello franco, e o curador [de Pedro] nomeado Paulino de Andrade Faria para todo o conteúdo na petição e despacho retro”, que tratava de acusação de furto contra o escravizado Pedro, de propriedade do então Diretor do Circo ou Companhia Ginástica. A “escolha” do suspeito, ao que tudo leva

a crer, não se apoiaria em provas materiais, mas tão somente, ao que tudo indica, na condição de exclusão social à qual aquele homem estava refém, levemente acusado de apropriar-se da jóia alheia e negociá-la com terceiros, dentre eles, algumas daquelas testemunhas, como sustentava-o, a este respeito, a parte autora do processo.

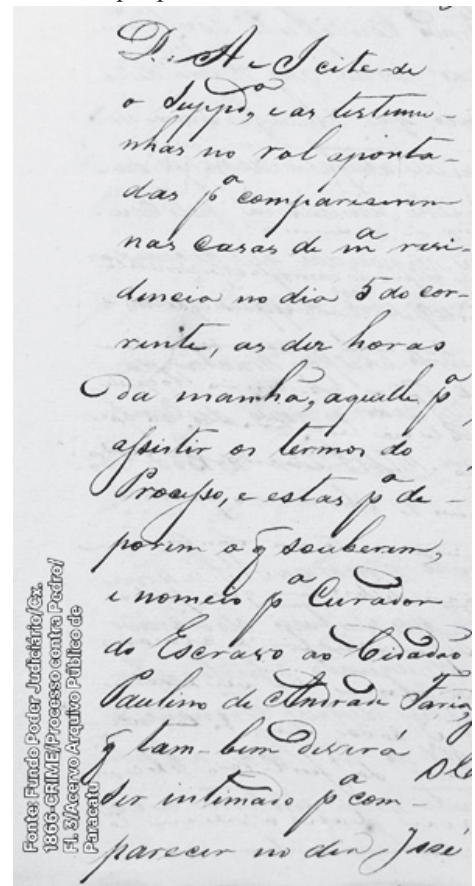
Na prática, apenas os depoimentos das testemunhas apontavam Pedro como responsável pelo sumiço da cobiçada jóia, de forma a não garantir musculatura à referida



Termo de desistência do processo contra o Sr. Pedro, acusado de furto um jóia perdida no Circo Olímpico, em Paracatu, em 1862.

acusação por muito tempo, haja vista que as páginas mais recentes do processo revelariam a completa ausência de provas materiais e uma susposta debandada por parte das testemunhas arroladas, que diziam não terem visto a luxuosa jóia perdida no local da apresentação do circo. José Rodrigues de Oliveira, autor da ação, voltaria atrás em sua decisão e peticionaria a desistência quanto à acusação, de modo que viria a estar ele, por sua vez, condenado a pagar as custas processuais, não havendo, portanto, nenhuma exigência quanto a sua retratação, fato este jamais esperado à época e em tais circunstâncias.

Em que pese a descomedida e incon-



Citação do suplicado e das testemunhas

sequente queixa contra um ser humano já excluído socialmente e sem recursos que lhe garantissem ampla defesa jurídica, a não ser pela presença de seu curador, a preciosa documentação do século XIX produzida em tão isolada e distante Comarca, é por certo, um relevante documento que comprova a realização de espetáculos circenses no Vale do Paracatu, como também escancara o preconceito com relação àqueles com quem o Brasil possui uma dívida impagável ao longo de sua história.

(*) Carlos Lima é graduado em Arquivologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e é colunista do perfil @farejadoc no Instagram, do site paracatumemoria.wordpress.com e do Jornal O Lábaro.

Referências

COMARCA DE PARACATU. Processo crime contra Pedro. Cx. 1868-CRIME. 1862. 7 fls.

Prefeitura de Paracatu ganha destaque nacional por transparência na gestão pública

Reconhecimento destaca ações de transparência, controle e responsabilidade na administração pública do município

A Prefeitura de Paracatu recebeu reconhecimento nacional pelo trabalho desenvolvido nas áreas de transparência, controle e melhoria da gestão pública. O município foi destaque na campanha Vencedores 2026, promovida pelo Instituto dos Auditores Internos do Brasil (IAA Brasil), durante as ações do IIA May Brasil, realizadas em maio.

A iniciativa reconhece instituições que desenvolvem boas práticas de controle, transparência e acompanhamento da gestão pública. O certificado foi entregue oficialmente em cerimônia realizada em São Paulo.

Em 15 de setembro, a Controladora-Geral do Município, Elisângela Mesquita, esteve no gabinete do prefeito Pedro Adjuto para apresentar o certificado que reconhece o trabalho desenvolvido pela Prefeitura.

Segundo Elisângela, o reconhecimento é resultado de um trabalho realizado pela Controladoria-Geral em conjunto com os demais setores da Administração Municipal.

“Receber esse certificado é motivo de orgulho e também aumenta nossa respon-



sabilidade. É o reconhecimento de um trabalho que envolve toda a equipe e mostra que estamos avançando na construção de uma gestão cada vez mais transparente e responsável”, destacou.

A Controladoria-Geral do Município

atua no acompanhamento e controle da aplicação dos recursos públicos, além de contribuir para o aperfeiçoamento dos processos da Administração. O trabalho busca proporcionar mais segurança, transparência e responsabilidade na uti-

lização dos recursos e na prestação dos serviços à população.

Para o prefeito Pedro Adjuto, o reconhecimento demonstra que as ações desenvolvidas pela Prefeitura também estão sendo observadas fora do município.

“É uma satisfação receber esse reconhecimento. Ele mostra que estamos trabalhando com responsabilidade e transparência e que esse trabalho está sendo valorizado também em nível nacional. O certificado é uma conquista de toda a equipe da Prefeitura e nos motiva a continuar aprimorando a gestão e cuidando cada vez melhor dos recursos públicos”, afirmou.

A campanha Vencedores 2026 reúne instituições e organizações de diferentes regiões do país que se destacam por iniciativas relacionadas à auditoria interna e às boas práticas de gestão. Para Paracatu, o reconhecimento representa não apenas uma conquista institucional, mas também um incentivo à continuidade de ações voltadas para uma administração pública mais transparente e responsável.

Aguardente de rapadura preserva mais de um século de tradição em Paracatu

Modo artesanal de fazer a bebida foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial e reúne saberes transmitidos entre gerações



A história da aguardente de rapadura em Paracatu atravessa gerações. Produzida artesanalmente há mais de um século, a bebida tem na rapadura um dos elementos que caracterizam seu modo de fazer e sua identidade.

Documentos históricos mostram que a produção já tinha importância econômica no início do século XX. Em 1916, foram comercializados 15.680 litros de aguardente no município. Em 1920, havia 20 produtores e, em 1947, eram registradas 12 fábricas.

Entre as produções que fazem parte dessa trajetória estão bebidas como a Paracatulina, a Segura o Tombo e a Creolinha, produzidas na Fazenda Pouso Alegre. Mais tarde, a Pinga do Seu Joca e a Sô Joca deram continuidade à tradição artesanal.

Patrimônio Cultural

Mais do que uma bebida, a aguardente de rapadura carrega conhecimentos, técnicas e práticas transmitidos entre produtores e famílias ao longo do tempo.

O reconhecimento desse saber como Patrimônio Cultural Imaterial de Paracatu foi uma demanda dos próprios produtores, por meio da Associação de Produtores de Cachaça de Alambique e Aguardente de Rapadura de Paracatu. Em dezembro de 2024, o registro foi aprovado pelo Conselho Municipal de Patrimônio Histórico e Artístico Cultural (COMPHAP).

Como parte da preservação dessa tradição, foi elaborado um plano de salvaguarda em parceria entre a Secretaria Municipal de Cultura e o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural (IEPHA).

Tradição que ganha novos espaços

A bebida também passou a integrar ações de valorização cultural e turística. Neste ano, esteve presente na Expo Paracatu, em degustação no estande da Casa Paracatu, e foi destaque na participação do município na Minas Next Travel 2026.

As iniciativas ajudam a levar para além

de Paracatu não apenas um produto, mas uma história feita de sabores, técnicas, memórias e conhecimentos que permanecem vivos.

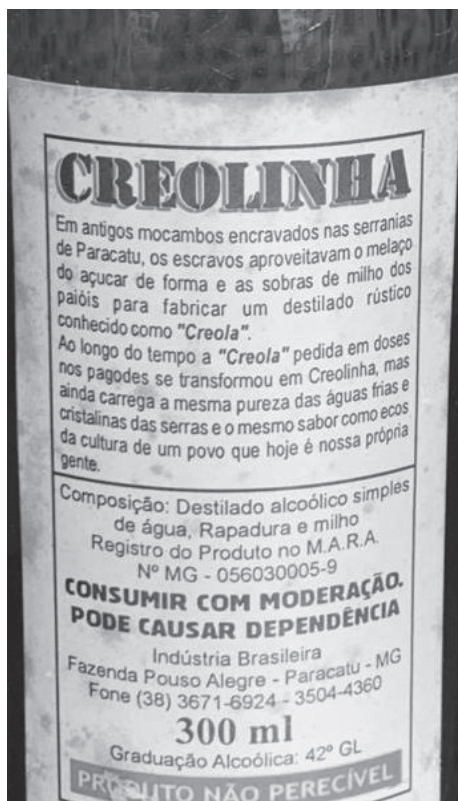
Dia Nacional da Cachaça

Celebrado em 13 de setembro, o Dia Nacional da Cachaça também é uma oportunidade para lembrar as tradições que fazem parte da identidade brasileira.

Em Paracatu, a data ganha um significado especial. Da Paracatulina à Sô Joca, diferentes nomes contam a trajetória de uma produção que atravessou mais de um século e que hoje tem seu modo de fazer reconhecido como patrimônio cultural.

Preservar essa tradição é também preservar uma parte da memória e da identidade de Paracatu.

Referencia: Prefeitura Municipal de Paracatu



Escolas Municipais de Paracatu se sobressaem na 4ª edição do Fliparacatu

Estudantes da rede pública conquistam premiações no Prêmio de Redação e Desenho e mostram que a escola também é lugar de talento, criatividade e sonhos



A literatura e a arte ganharam voz, cor e espaço entre os estudantes de Paracatu. Na manhã do dia 29 de agosto, durante a 4ª edição do Festival Literário Internacional de Paracatu (Fliparacatu), estudantes, professores e representantes da educação participaram da cerimônia de entrega do Prêmio de Redação e Desenho, que reconheceu trabalhos de alunos de escolas públicas e privadas do município.

A participação da Rede Municipal de Ensino foi expressiva. Ao todo, 47 escolas participaram do concurso, o equivalente a 83% da rede escolar de Paracatu. Foram inscritos 39 desenhos e 64 redações, em uma demonstração do envolvimento das escolas e dos educadores com a proposta.

Com o tema “Meu Lugar no Mundo”, o concurso convidou os estudantes a transformar em palavras e desenhos aquilo que enxergam, sentem e vivem. Memórias, sonhos, sentimentos e a relação com o lugar onde cada um vive ganharam forma nas produções realizadas em sala de aula.

Mais do que uma premiação, o momento representou uma oportunidade para mostrar que a escola pública também é espaço de criação, talento e descoberta. Cada desenho e cada redação carregaram um pouco da história e do olhar de seus autores.

E os resultados confirmaram isso. Estudantes da Rede Municipal conquistaram importantes colocações em diferentes categorias, incluindo as três primeiras posições na categoria de redação de 9 a 11 anos.

OS TALENTOS DA REDE MUNICIPAL

Desenho – 4 a 5 anos

1º lugar: Isabela Gomes Lima, 5 anos

CMEI Tia Lucinha

Professora: Gleidiane Antônio Silva

2º lugar: Lavinia Silva Cruz, 5 anos

Pré-Escola Municipal Lúcia Cruz Gonçalves

Professora: Rosana Santos Teixeira

3º lugar: Gabriela Alves Santana, 4 anos

Escola Municipal Tia Áurea

Professora: Alessandra Barbosa dos Santos

Desenho – 6 a 8 anos

2º lugar: Welwitschya Tandara, 8 anos

Escola Municipal Bezerra de Menezes

Professora: Mecilda Pereira Alves

3º lugar: Cesar Augusto Siqueira Lemos, 8 anos

Escola Municipal Tia Áurea

Professora: Eujane Conceição Roquete

Desenho PCD

1º lugar: Matias Sá Barros, 14 anos

Escola Municipal Cívico-Militar Professora

Márcia Macedo Meireles

Professora: Leila Fonseca Melo Pires

3º lugar: Daniel Kalleb Umbelino, 9 anos

Escola Municipal Joaquim Adjuto Botelho

Professoras: Cíntia Martins de Melo e Luan

da Silva Carlos

Redação – 9 a 11 anos

A Rede Municipal conquistou as três

primeiras colocações:

1º lugar: Lucas de Brito Ornelas, 10 anos

Escola Municipal José Simões Cunha

“O cerrado: a raiz da minha existência”

Professora: Cássia Alves de Cunha Araújo

2º lugar: Laura Garcias Naves, 11 anos

Escola Municipal Bezerra de Menezes

“Meu lugar começa onde estou”

Professora: Ana Caroline de Lima Anselmo

3º lugar: Lucas Henrique Lopes Valverdes,

10 anos

Escola Municipal Tia Áurea

“O mundo é o que se vê e onde se está”

Professora: Cintia Nataline Brandão Neres

Redação – 12 a 14 anos

3º lugar: Melissa Gonçalves Souza, 14 anos

Escola Municipal Cívico-Militar Professora

Márcia Macedo Meireles

“O lugar que construo em mim”

Professor: Emídio Monteiro Carvalho

Redação – EJA

1º lugar: Rodiney Mesquita da Silva, 49 anos

Escola Municipal Cacilda Caetano de Souza

“Meu lugar no mundo”

Professora: Adriana Oliveira Melo

PROFESSORES TAMBÉM SÃO RECONHECIDOS

A premiação também valorizou os professores dos estudantes vencedores, que receberam livros selecionados pela organização do festival. O reconhecimento reforça a importância de quem está todos os dias dentro da sala de aula, incentivando a leitura, a escrita, a criatividade e a confiança dos alunos.

A cerimônia contou com a presença do prefeito Pedro Adjuto, do secretário municipal de Cultura, Thiago Venâncio, do secretário municipal de Educação, Tiago de Deus, além do presidente do Fliparacatu, Afonso Borges, dos curadores Calila das Mercês e Sérgio Abranches, da presidente da Academia de Letras do Noroeste de Minas, Daniela Prado, da jornalista Míriam Leitão e do escritor infantojuvenil Rafael Noll, responsável pela organização do prêmio.

O reconhecimento dos estudantes no palco do Fliparacatu deixa uma mensagem importante para a educação de Paracatu: quando a escola incentiva a leitura, a escrita e a arte, ela não apenas ensina, ela ajuda a revelar talentos e a formar pessoas capazes de contar a própria história.

E talvez seja esse um dos maiores sentidos de “Meu Lugar no Mundo”: descobrir que cada criança, cada jovem e cada adulto também tem uma história para escrever e um lugar para ocupar.

Proteger a História: a responsabilidade coletiva sobre o nosso patrimônio

Preservar o Núcleo Histórico de Paracatu é mais do que conservar fachadas e construções: é proteger a memória, a identidade e o vínculo de um povo com a sua própria história.

Preservar o Núcleo Histórico de Paracatu (NHP) não é uma responsabilidade que possa ser atribuída apenas aos órgãos oficiais. A proteção do patrimônio é, antes de tudo, uma construção coletiva, sustentada pelo vínculo afetivo entre o cidadão e a história que o cerca. Afinal, um patrimônio só permanece vivo quando a comunidade reconhece nele parte de sua própria identidade.

Diante das constantes descaracterizações e interferências visuais que comprometem a leitura tradicional da paisagem urbana e do conjunto arquitetônico da cidade, ativistas em defesa do Patrimônio e do Meio Ambiente decidiram mobilizar a sociedade para chamar a atenção para uma questão essencial: a educação patrimonial pode ser um dos caminhos mais importantes para enfrentar os diversos desafios que envolvem a preservação do Núcleo Histórico.

Mais do que fiscalizar e punir, é preciso educar, orientar e aproximar a população do significado do patrimônio. Uma cidade que conhece e valoriza sua história tende a protegê-la com mais consciência. Nesse sentido, a preservação deixa de ser compreendida como um conjunto de regras impostas e passa a ser reconhecida como um compromisso coletivo com aquilo que pertence a todos.

Uma recente reunião realizada no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) reacendeu o debate sobre as ações e os rumos da preservação em Paracatu. O encontro também permitiu traçar uma linha do tempo, resgatando esforços iniciados há décadas, apresentados desde 1985, e que chegam ao horizonte de 2026.

No centro dessa discussão está a necessidade urgente de ampliar a conscientização e reduzir a dependência de uma fiscalização predominantemente punitiva. É necessário fazer com que o proprietário ou morador do Núcleo Histórico deixe de ocupar apenas o lugar de quem é eventualmente “autuado” por desconhecimento e



passar a assumir o papel de agente ativo na proteção do patrimônio cultural.

Essa mudança de perspectiva é fundamental. Quando o morador compreende o valor histórico, arquitetônico e simbólico do imóvel em que vive, ele deixa de enxergar a preservação como uma obrigação externa e passa a entendê-la como parte de sua própria história. É justamente esse envolvimento comunitário, orientado pela Educação Patrimonial, que pode fortalecer a chamada Conservação Integrada, criando condições para que a preservação seja socialmente compreendida, economicamente viável e ambientalmente sustentável.

O Programa Reparar

Como uma das engrenagens práticas dessa proposta de Conservação Integrada, surge o Programa Reparar, iniciativa originada de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) firmado, em 2006, entre o Ministério Público e a Prefeitura Municipal.

O programa tem como foco a recuperação do acervo morfológico tradicional do Núcleo Histórico, exercendo uma função que vai além da recuperação física dos imóveis. Trata-se também de uma ação de caráter social, capaz de aproximar diferentes atores, catalisar compromissos e construir uma relação de responsabilidade comparti-

lhada diante do patrimônio construído.

Em sua fase piloto, o programa selecionou sete imóveis, denominados CR — Contemplação Restauro — para uma implementação experimental. Como ocorre com toda iniciativa mobilizadora, o projeto enfrentou desafios próprios de sua implantação e de seu processo de amadurecimento, buscando encontrar caminhos capazes de produzir resultados satisfatórios e duradouros.

O Programa Reparar merece, sem dúvida, ser plenamente implementado pela atual gestão municipal. Mais do que restaurar edificações, a iniciativa representa uma possibilidade concreta de criar mecanismos permanentes para a conservação do acervo histórico de Paracatu e sua transmissão às próximas gerações.

Para isso, porém, é indispensável a participação articulada dos diferentes atores envolvidos nessa construção: moradores e proprietários de imóveis, profissionais e técnicos da construção civil, ativistas, associações, movimentos culturais, Ministério Público, Iphan, COMPHAP — Conselho do Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagístico — e as secretarias municipais de Cultura, Turismo e Infraestrutura.

Preservar um centro histórico não significa congelar uma cidade no tempo. Significa permitir que ela avance sem apa-

gar as marcas que explicam quem somos. O patrimônio não deve ser visto como um obstáculo ao desenvolvimento, mas como uma dimensão essencial de uma cidade que conhece seu passado e deseja construir seu futuro com consciência.

Paracatu recebeu, em 2010, o reconhecimento do tombamento nacional de seu conjunto histórico e artístico. Mas um título, por mais importante que seja, não garante sozinho a sobrevivência de um patrimônio. O tombamento estabelece uma proteção legal; a preservação cotidiana, entretanto, depende de pessoas.

É na atitude do morador, na responsabilidade do proprietário, na orientação dos profissionais, na atuação do poder público, na fiscalização dos órgãos competentes e na participação da sociedade que o patrimônio encontra sua verdadeira proteção.

Porque preservar a história não é apenas conservar aquilo que o tempo deixou. É decidir o que queremos entregar ao futuro.

E talvez essa seja a pergunta que Paracatu precise fazer, coletivamente: que cidade queremos deixar para aqueles que ainda virão?

A resposta passa, necessariamente, pela capacidade de reconhecer que o Núcleo Histórico não é apenas um conjunto de casas, ruas e monumentos. Ele é um território de memória, identidade e pertencimento. É onde uma parte da história de Paracatu permanece inscrita nas paredes, nas portas, nas praças e nas ruas, e também na memória de seu povo.

Por isso, o sucesso do tombamento nacional só será plenamente alcançado quando a proteção legal caminhar ao lado da participação afetiva, da educação patrimonial, do compromisso social e da responsabilidade mútua.

Preservar Paracatu é, portanto, uma tarefa de todos. Porque quando uma cidade perde sua memória, não perde apenas prédios: perde referências de quem foi, de quem é e de quem ainda pode ser.

Espaço público precisa ser respeitado e permanecer livre para os pedestres

Placas, banners, entulho e tendas permanentes ocupam áreas que deveriam garantir a circulação e a segurança de quem caminha pela cidade

Quem passa pela Avenida Olegário Maciel, em frente à Papelaria Exata, encontra uma situação que merece atenção. O canteiro central, que deveria oferecer espaço livre para a circulação e servir de refúgio aos pedestres durante a travessia, está ocupado por diferentes materiais e estruturas.

A fotografia feita no local mostra entulho, placas, bandeiras e um grande banner instalado justamente no espaço utilizado pelos pedestres, além de cones e outros obstáculos. O resultado é uma passagem apertada e pouco segura para quem precisa circular pelo local.

O que deveria ser um espaço de proteção acaba se transformando em um verdadeiro caminho de obstáculos.

Publicidade também ocupa a passagem

Além do entulho e de outros materiais, um grande banner publicitário foi colocado no meio da área de circulação dos pedestres, reduzindo o espaço disponível para a passagem.

Independentemente do tipo de publicidade, é preciso ter responsabilidade ao instalar estruturas em áreas públicas. O pedestre precisa ter seu espaço respeitado e não pode ser obrigado a desviar de anúncios, placas ou banners para conseguir seguir seu caminho.



Uma situação que também aparece em outros espaços

O caso da Avenida Olegário Maciel chama atenção para uma questão maior: a ocupação de espaços públicos que deveriam permanecer livres para a população.

Em diferentes praças e canteiros da cidade, é possível encontrar vendedores ambulantes que utilizam tendas e estruturas montadas de forma permanente, ocupando áreas que também fazem parte do espaço de convivência e circulação das pessoas.

O trabalho dos vendedores ambulantes faz parte da vida da cidade e merece respeito. Mas também é necessário encontrar uma forma de organizar essa atividade para que ela não prejudique a passagem dos pedestres nem retire da po-

pulação o direito de usar praças, canteiros e outros espaços públicos.

O espaço público precisa cumprir sua função. Uma praça deve continuar sendo lugar de encontro e convivência. Um canteiro destinado à travessia deve oferecer segurança. E os caminhos dos pedestres precisam permanecer livres.

Quando o espaço público deixa de cumprir sua função

O problema não está apenas na aparência de desorganização. Quando o caminho destinado ao pedestre fica bloqueado, a pessoa pode ser obrigada a se aproximar da pista, onde circulam carros, motos e ônibus.

É justamente aí que uma situação aparentemente simples pode se transformar em risco de acidente.

Os restos de materiais espalhados pelo canteiro central também mostram a falta de cuidado com o espaço público. Pedras, pedaços de concreto e outros resíduos foram deixados no local, ocupando uma área que deveria estar livre para a circulação.

Organização é necessária

A cidade precisa de comércio, vendedores ambulantes e publicidade. Essas atividades fazem parte do cotidiano e movimentam a economia local. O que não pode acontecer é que elas avancem sobre espaços que pertencem a todos.

É necessário que haja organização, fiscalização e regras claras para que o comércio possa funcionar sem impedir a circulação e o direito de uso dos espaços públicos.

Quem utiliza uma área pública também precisa ter responsabilidade e pensar nas pessoas que passam por ela.

Espaço público não deve ser tratado como extensão de comércio, depósito ou área disponível para ocupação permanente. Ele pertence à população e precisa continuar acessível a todos.

O cidadão tem direito a caminhar, atravessar uma avenida, sentar em uma praça e utilizar os espaços da cidade com segurança e tranquilidade. Organizar esses espaços é também uma forma de cuidar das pessoas e da própria cidade.

Fliparacatu transforma Paracatu em capital da literatura e celebra o sertão em cinco dias de encontros

Realizada de 26 a 30 de agosto, a 4ª edição do festival reuniu escritores, jornalistas, artistas, estudantes e leitores em uma grande celebração da literatura, da memória, da identidade e do pertencimento



Foto da abertura oficial da 4ª edição do Fliparacatu

Durante cinco dias, entre 26 e 30 de agosto, Paracatu viveu a literatura. A 4ª edição do Fliparacatu – Festival Literário Internacional de Paracatu ocupou o Núcleo Histórico e transformou praças, auditórios, quintais e outros espaços culturais em lugares de encontros, histórias, música e reflexão.

Com o tema “Sertão em nós: meu lugar no mundo”, o festival reuniu cerca de 50 autores, além de jornalistas, artistas, pesquisadores, educadores e pensadores. A programação propôs reflexões sobre identidade, memória, território e pertencimento, aproximando diferentes gerações e mostrando que a literatura também pode ajudar a compreender quem somos e o lugar que ocupamos no mundo.

A edição homenageou dois grandes nomes: João Guimarães Rosa, pelos 70 anos de publicação de Grande Sertão: Veredas, e o geógrafo Milton Santos, pelo centenário de seu nascimento. As homenagens ajudaram a ampliar os debates sobre o sertão, o território, a sociedade e as diferentes formas de existir e pertencer.

Uma cidade tomada pela palavra



Ao longo dos cinco dias, foram realizadas 68 atividades em oito espaços do Centro Histórico, entre mesas de debates, encontros, oficinas, apresentações musicais e programação para crianças e jovens.

O encontro entre autores e leitores também apareceu nos números. A livraria do festival comercializou cerca de 5 mil livros, de aproximadamente 1.500 títulos. Mais do que vendas, o resultado revelou o interesse do público pelas histórias, ideias e autores que passaram por Paracatu.

Entre os livros mais procurados, “Mulheres Que Sentem Os Espíritos”, de Bruna Lombardi, ficou em primeiro lugar. Na sequência apareceram “Nódoa”, de Calila das Mercês, e “Tomara Que Você Seja Deportado: Uma Viagem Pela Distopia Americana”,



de Jamil Chade. Também se destacaram “Diário do Grande Sertão – Nova Edição”, de Bruna Lombardi, “Formas de Narrar Um Corpo”, de Rita von Hunty, e “A Franja do Fim do Mundo”, de Sérgio Abranches.

Ao todo, 32.500 pessoas circularam pelo Centro Histórico durante o festival, e grande parte das atividades realizadas no auditório alcançou a lotação máxima. Os números mostram que a literatura encontrou um público disposto a ouvir, participar, descobrir novos autores e levar histórias para casa.

Entre os convidados que passaram pelo festival estiveram nomes como Mía Couto, Bruna Lombardi, Jeferson Tenório, Míriam Leitão, Alê Santos, Eliana Alves Cruz, Cristóvão Tezza, Marcelino Freire, Paulo Scott, Paulliny Tort, Renato Nogueira, Rita von Hunty, Sandra Menezes, Noemi Jaffe, Natalia Timerman, Jamil Chade, Bia Bracher, Geni Núñez, Ítalo Moriconi, Nina Santos, Mônica Meyer, Taiane Santi Martins, Fabiana Carneiro, Jeovanna Vieira e Ricardo Ramos Filho, entre outros.

Paracatu também escreveu sua história



Mas, ao lado desses grandes nomes, o festival também fez questão de olhar para dentro de casa.

A cultura e a memória de Paracatu tiveram presença marcante. A participação da Academia de Letras do Noroeste de Minas, somada à curadoria das atividades locais, assinada por Daniela Prado, contribuiu para valorizar escritores, pesquisadores, artistas e manifestações culturais da cidade e da região.

Essa presença reforçou uma das características mais importantes do festival: trazer grandes nomes da literatura brasileira sem deixar de reconhecer as histórias, os saberes e as vozes que nascem dentro da própria comunidade.

Entre essas vozes estiveram Silvano Avelar, escritor, compositor, músico e produtor cultural; Isaías Nery Ferreira, professor e escritor; e Edina Sueli das Dores, filósofa e produtora cultural, que participaram da mesa “A influência roseana na música em Paracatu”. A conversa refletiu sobre como o universo de Guimarães Rosa continua presente na música, na oralidade e nas manifestações culturais da cidade.

A literatura regional também ganhou espaço na mesa “O Sertão Mineiro de Afonso Arinos”, com Alexandre Gama, Daniela

Prado e Terezinha de Jesus Santana Guimarães, em uma conversa que aproximou poesia, memória e identidade sertaneja.

Outro encontro reuniu Ana Carolina Campos de Carvalho, professora, mestre em Literatura pela UFMG e membro da Academia de Letras do Noroeste de Minas; José Ivan Lopes, escritor e poeta regional; e Murilo Caldas, jornalista e escritor, que também participou da mediação. A conversa reforçou a importância de valorizar a produção literária que nasce na própria região.

No dia 27 de agosto, a mesa “A escrita como território afetivo” reuniu Tarzan Leão, Raik e Nágela Caldas. Marcado por intimidade, memórias familiares e histórias pessoais, o encontro mostrou como a escrita pode transformar lembranças em palavras e experiências individuais em memória coletiva.

Na sexta-feira 28, outras vozes de Paracatu também ganharam espaço. Maria Teresa Oliveira Melo (Cambrônio), professora, escritora, poeta e integrante da Academia de Letras do Noroeste de Minas; Eleusa Spagnuolo (Souza), doutora em Educação e Ecologia Humana pela UnB, pesquisadora e integrante da Academia; e Benedita dos Reis (Soares Costa), professora e escritora, levaram para o festival diferentes experiências, saberes e memórias.



A mesa aproximou os modos de falar de nossa gente da obra de João Guimarães Rosa, mostrando que a oralidade do sertão não é algo parado no tempo. Ela é viva, se transforma no cotidiano e continua presente também na literatura escrita por mulheres de Paracatu.

Ao abrir espaço para essas vozes, o Fliparacatu mostrou que a literatura não está distante da vida. Ela está nas canções, nas lembranças, na fala das pessoas, nas histórias de família e na memória de uma cidade.

Paracatu não apenas recebeu a literatura que veio de outras partes do Brasil. Também abriu suas portas para mostrar a literatura que nasce aqui, os escritores que constroem suas próprias histórias, os saberes que atravessam gerações e uma cultura que permanece viva na memória de seu povo.

Foi nesse encontro entre o que vem de fora e o que já existe dentro da cidade que o festival encontrou uma de suas maiores riquezas: reconhecer que o sertão também escreve, fala, canta, lembra e conta suas próprias histórias.

Um dos momentos de emoção foi a apresentação do Coral Stela Maris, que antecedeu a abertura oficial e levou música e sensibilidade ao público.

Jamil Chade e a importância do jornalismo

A programação também abriu espaço para uma reflexão especial sobre a comunicação. Na manhã do dia 27, a Casa Kinross ficou cheia para receber o jornalista e escritor Jamil Chade, em uma edição especial do projeto Sempre um Papo, voltada aos profissionais da comunicação de Paracatu.

Mediado por Afonso Borges, o encontro teve como tema “Imprensa, Literatura e as Relações com o Mundo”. Com mais de



duas décadas de experiência como correspondente internacional, Jamil falou sobre os desafios do jornalismo, a responsabilidade de informar e a necessidade de ir além da notícia imediata.

Em um tempo marcado pela velocidade das redes sociais e pela desinformação, o encontro reforçou a importância de contextualizar os fatos, questionar e ajudar a sociedade a compreender acontecimentos que interferem diretamente na vida de todos.

Estudantes também encontraram seu lugar no festival



A participação dos estudantes foi outro ponto importante da programação. O Prêmio de Redação e Desenho “Meu Lugar no Mundo” reuniu alunos e professores das redes pública e privada e da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Inspirados pelo tema, os trabalhos revelaram diferentes olhares sobre identidade e território. Pelas palavras e desenhos dos estudantes, ficou evidente que pertencer também é uma forma de contar histórias e compreender o mundo ao redor.

A programação infantojuvenil ainda levou oficinas, espetáculos e atividades culturais ao público mais jovem, aproximando crianças e adolescentes do universo dos livros e da imaginação.

Rosa, música e uma travessia que continua



A homenagem a Guimarães Rosa ganhou força no sábado, dia 29, com o “Sábado Musical de Rosa”, realizado no quintal da Casa Paracatu. O encontro reuniu a tradição da Banda Lyra Paracatuense, a participação de Celso Adolfo e a aula-espetáculo “Travessia Roseana”, com Titane e Makely Ka.

Foi um encontro em que expressão e música caminharam juntas, celebrando uma obra que, 70 anos depois de sua publicação, continua despertando perguntas e inspirando novas leituras sobre o Brasil e o sertão.

Outro grande momento musical do festival foi a apresentação de João Bosco com a Orquestra Ouro Preto. Sob a regência do maestro Rodrigo Toffolo, a orquestra apresentou arranjos especialmente pre-



parados para o projeto “Gênesis”, criando um belo diálogo entre a trajetória de João Bosco e a sonoridade orquestral.

O repertório reuniu clássicos como O Bêbado e a Equilibrista, Corsário, Bala com Bala e De Frente pro Crime, além de outras canções marcantes. A apresentação também prestou homenagem a Aldir Blanc, um dos grandes parceiros de João Bosco e responsável, ao lado do compositor, por algumas das obras mais importantes da música brasileira.

Naquela mesma noite, a mesa “Grande Sertão: Veredas – 70 anos: A Travessia Continua” reuniu o escritor Mia Couto e a jornalista Míriam Leitão, com mediação de Jamil Chade, para celebrar uma das obras mais importantes da literatura brasileira.

Poesia toma a palavra

A poesia também ganhou espaço no encerramento do festival. O Slam Galeria reuniu oito poetas de Paracatu em uma competição de poesia falada organizada pelo Coletivo Galeria Arte & Cultura.

Os participantes apresentaram textos autorais diante de um público que também fez parte da disputa. Mais do que uma competição, o encontro mostrou uma literatura viva, contemporânea e próxima da realidade da comunidade.

Ao valorizar os poetas da cidade, o festival reafirmou que o sertão literário não está apenas nos grandes nomes da literatura brasileira. Ele também está nas vozes que nascem aqui, nas histórias que atravessam as ruas de Paracatu e nos versos que encontram seu primeiro palco diante da própria comunidade.

O sertão também se vê

Durante os dias do festival, a literatura dialogou ainda com as artes visuais.

Na Praça da Igreja do Rosário, o público pôde visitar a exposição inédita “O Sertão de Portinari”, com curadoria de João Cândido Portinari e parceria com o Projeto Portinari. A mostra reuniu obras que retratam paisagens e aspectos da vida no sertão brasileiro, incluindo telas da conhecida série Retirantes.

Na Fundação Municipal Casa de Cultura, a exposição “Meu Lugar no Mundo”, do Grupo Matizes Dumont, apresentou obras inspiradas no pensamento de Milton Santos e no universo poético de João Guimarães Rosa.

Bordado, memória, território e literatura se encontraram, criando outras possibilidades de enxergar o mundo e compreender o lugar que cada pessoa ocupa nele.

Uma despedida que deixou portas abertas

Ao longo da programação, o Fliparacatu buscou ampliar o acesso à cultura. Com tradução simultânea em Libras e transmissão ao vivo pelo canal do festival no YouTube, as atividades puderam alcançar pessoas para além dos espaços físicos onde os encontros aconteceram.

O 4º Fliparacatu foi apresentado pela Kinross, por meio da Lei Rouanet do Ministério da Cultura, com patrocínio da Caixa e apoio cultural da Prefeitura de Paracatu, da Academia de Letras do Noroeste de Minas e do Sebrae. A idealização e presidência são de Afonso Borges, com curadoria nacional de Sérgio Abranches e Calila das Mercês, curadoria das atividades locais de Daniela Prado e curadoria infantojuvenil de Rafael Noll.

Depois de cinco dias de encontros, livros, debates, exposições, música, infância e poesia, o Fliparacatu fechou suas portas, mas deixou abertas muitas janelas.

Porque um festival literário não termina exatamente quando acaba a programação. Algumas palavras continuam caminhando pelas ruas. Alguns versos permanecem ecoando. Algumas histórias encontram o leitor e passam a morar dentro dele.

E talvez esteja aí a maior importância da literatura para uma comunidade: ela não apenas apresenta livros e escritores. Ela cria encontros, desperta o interesse pela leitura, valoriza a memória e dá voz às histórias de um povo. Uma comunidade que lê conhece melhor o seu passado, compreende melhor o seu presente e encontra mais caminhos para imaginar o futuro.

Em Paracatu, durante cinco dias, o sertão encontrou a palavra. E a palavra encontrou um lugar no mundo.

1º de outubro: uma data para lembrar direitos e cidadania

FOTO DIVULGAÇÃO/INTERNET

1º de Outubro
Dia Internacional da Terceira Idade



O Dia Nacional do Idoso é celebrado em 1º de outubro, uma data que vai muito além da homenagem. É também um momento para chamar a atenção para os direitos, a dignidade, a participação social e a qualidade de vida da população idosa.

A data está relacionada à criação do Estatuto do Idoso, pela Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que estabeleceu direitos e garantias para as pessoas com 60 anos ou mais. Três anos depois, a Lei nº 11.433, de 28 de dezembro de 2006, oficializou o dia 1º de outubro como o Dia Nacional do Idoso.

A proteção aos direitos da população idosa, porém, começou antes do Estatuto. Em 1994, a Lei nº 8.842 instituiu a Política Nacional do Idoso e criou o Conselho Nacional do Idoso, estabelecendo diretrizes para assegurar os direitos sociais e promover a autonomia, a integração e a participação desse público na sociedade.

Nesse contexto, falar sobre a pessoa idosa também é falar sobre cidadania. E um dos direitos que merece atenção, especialmente em um ano eleitoral, é o direito de votar e participar das decisões que definem os rumos do país.

A pessoa idosa também decide o futuro

Com participação cada vez maior nas urnas, pessoas com 60 anos ou mais representam 23,60% do eleitorado brasileiro e têm direitos que precisam ser respeitados.

As eleições de 2026 terão um marco importante: o Brasil contará com o maior eleitorado de pessoas idosas de sua história. Segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), 37.457.537 brasileiras e brasileiros com 60 anos ou mais estão aptos a votar, o equivalente a 23,60% do eleitorado nacional.

O número mostra que a população idosa ocupa um espaço cada vez maior na vida pública do país. Em 2022, eram 32.891.438 eleitores com 60 anos ou mais, representando 21,02% do eleitorado. Em 2026, esse número chegou a 37,45 milhões, um crescimento de mais de 4,5 milhões de eleitores nessa faixa etária.

Mais do que números, esses dados representam milhões de pessoas que têm histórias, experiências e opiniões construídas ao longo de décadas. Por isso, o voto da pessoa idosa tem grande importância na escolha de quem irá governar, criar leis e definir políticas públicas que afetam toda a sociedade.

Prioridade na hora de votar

A legislação eleitoral garante atendimento prioritário às pessoas idosas. De acordo com a Resolução TSE nº 23.759/2026, eleitores com 60 anos ou mais têm preferência para votar, obser-

vada a ordem de chegada entre as pessoas que possuem esse direito.

Para quem tem mais de 80 anos, a prioridade é ainda maior. Essas pessoas têm preferência sobre as demais, independentemente do momento em que chegam à seção eleitoral. O direito também pode se estender ao acompanhante ou atendente pessoal, nas condições previstas pela legislação.

Essas medidas existem para tornar o processo de votação mais acessível, seguro e digno, garantindo que a idade ou alguma dificuldade de mobilidade não seja um obstáculo para o exercício da cidadania.

Voto é participação

A presença crescente da população idosa nas eleições também reforça a necessidade de políticas públicas que considerem o envelhecimento da população brasileira. Saúde, segurança, mobilidade, aposentadoria, acessibilidade, lazer e qualidade de vida estão entre os temas que dependem de decisões políticas.

Mas o voto da pessoa idosa não deve ser visto apenas como uma escolha voltada aos interesses da terceira idade. Cada voto ajuda a decidir o futuro de toda a sociedade.

A experiência de quem viveu diferentes momentos do país também tem valor na construção de um futuro melhor. Aos idosos, cabe o direito de escolher. À sociedade, cabe respeitar essa escolha.

Nas urnas, idade não diminui cidadania. A voz de quem chegou mais longe na vida também tem força para decidir os caminhos que o país seguirá.

Fontes

Tribunal Superior Eleitoral (TSE) – Estatísticas do eleitorado das Eleições 2026 e Manual do Eleitor.

Resolução TSE nº 23.759/2026 – Normas aplicáveis às Eleições 2026.

Lei nº 10.741/2003 – Estatuto do Idoso.

Lei nº 11.433/2006 – Institui o Dia Nacional do Idoso em 1º de outubro.

Lei nº 8.842/1994 – Política Nacional do Idoso.

ILUSTRAÇÃO: O LÁBARO/INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL





JUNIOR MACHADO
CONTABILIDADE & GESTÃO EMPRESARIAL

Seu negócio em boas mãos!

ORGANIZAÇÃO • PLANEJAMENTO
RESULTADOS

Endereço:
Avenida São João Paulo II,
1985 - Andar 4 Sala 422

Bairro:
Paracatuzinho

Cidade:
Paracatu/MG

CEP:
38.603-401

Telefone:
(38)3671-6699

Whatsapp:
(38)99902-3251

40 anos de uma história que continua construindo Paracatu

À frente do Grupo Famag, Roberto Pires, mais conhecido como Roberto da Famag, transforma experiência, trabalho e confiança em novos projetos para a cidade.



Quarenta anos são feitos de muitos dias, muitos desafios e, principalmente, muitas histórias. Em Paracatu, parte dessa trajetória tem o nome de Roberto, que há quatro décadas está à frente do Grupo Famag, acompanhando o crescimento da cidade e ajudando a construir caminhos por meio do trabalho e do empreendedorismo.

Ao longo desse tempo, o Grupo Famag consolidou sua presença no município, especialmente nos segmentos de pré-moldados e construção civil. Mais do que uma empresa, tornou-se parte de uma história que se mistura com a própria transformação de Paracatu.

Agora, aos 40 anos, essa caminhada ganha um novo capítulo. O Grupo Famag amplia seus horizontes com a Pires Empreendimentos Imobiliários, voltada para o desenvolvimento de projetos imobiliários e para novas oportunidades de investimento na cidade.

O primeiro grande passo dessa nova fase aconteceu no sábado dia 19, e no domingo, dia 20 de setembro, com o lançamento de um loteamento no bairro Santo Eduardo.

O empreendimento foi pensado para diferentes sonhos: quem procura um lugar para construir a casa, quem deseja formar patrimônio ou quem enxerga no espaço a possibilidade de abrir um novo negócio.

Com localização estratégica, a poucos minutos de pontos importantes de Paracatu, o loteamento chega ao mercado com a proposta de oferecer terrenos com topografia mais plana e espaço para que novos projetos possam nascer.

Para Roberto, essa nova etapa representa mais do que a expansão de uma empresa. É a continuidade de uma história construída com trabalho, perseverança e confiança em Paracatu.

Porque construir não significa apenas levantar paredes. É também acreditar no futuro, abrir caminhos e criar oportunidades para que outras histórias possam começar.

Depois de quatro décadas, Roberto e o Grupo Famag seguem olhando para frente. A Pires Empreendimentos Imobiliários nasce desse mesmo espírito: investir na cidade, criar novas possibilidades e continuar construindo o futuro de Paracatu.



Mega data center coloca água e futuro de Paracatu no centro do debate

Projeto de 1 gigawatt da Atlas Renewable Energy ainda está em fase preliminar, mas reportagem revela falta de informações à população e levanta preocupações sobre água, meio ambiente e participação das comunidades

ILUSTRAÇÃO: O LÁBARO/INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Um projeto de grandes proporções para a instalação de um data center voltado à inteligência artificial em Paracatu começa a chamar a atenção pelo tamanho e pelas possíveis implicações para o município. Planejado pela Atlas Renewable Energy, o empreendimento poderá alcançar 1 gigawatt (GW) de potência, capacidade superior à soma dos data centers atualmente instalados no Brasil, segundo levantamento realizado pelo Intercept Brasil em parceria com a Mongabay.

A situação ganhou repercussão nacional com a reportagem “Data center pega de surpresa cidade mineira que sofre com falta d’água”, publicada pelo Intercept Brasil em 10 de setembro de 2026, com apuração da jornalista Naira Hofmeister. A matéria foi publicada em colaboração com a Mongabay e integra uma série sobre os impactos da expansão da infraestrutura necessária para a inteligência artificial.

Segundo a reportagem, autoridades locais, moradores, agricultores e empresários ouvidos pelos jornalistas afirmaram que não tinham conhecimento prévio do projeto e que tomaram contato com a proposta a partir dos questionamentos feitos pela imprensa.

O caso chama atenção porque se trata de um empreendimento de escala incomum para o município. Conforme os documentos apresentados pela empresa ao governo federal, o projeto seria dividido em três módulos, com previsão de início parcial de operação em dezembro de 2027 e conclusão até 2030. A Atlas, entretanto, afirmou ao Intercept e à Mongabay que o projeto ainda está em fase muito preliminar de estudos e que não existe, neste momento, definição técnica consolidada.

Um projeto gigante em uma região onde a água já é motivo de preocupação

O principal ponto de atenção está justamente em um dos recursos mais importantes para a vida e para a economia de Paracatu: a água.

Data centers de grande porte precisam de muita energia e podem utilizar água em seus sistemas de resfriamento, dependendo da tecnologia empregada. Por isso, a localização de uma estrutura dessa dimensão em uma região que já enfrenta conflitos pelo uso dos recursos hídricos desperta questionamentos.

De acordo com dados apresentados na reportagem do Intercept Brasil e da Mongabay, cerca de 80% do território de Paracatu está inserido em áreas de conflito hídrico. A região também possui forte atividade de agricultura irrigada, além de

histórico de disputas pelo uso da água.

A reportagem aponta ainda que, quando atingir sua capacidade máxima, o data center poderá consumir até 1,2 milhão de litros de água por dia, dentro do limite de eficiência hídrica considerado no projeto de regulamentação citado na apuração. Isso representaria cerca de 438 milhões de litros por ano. É importante destacar que esse número é uma estimativa de referência e não significa que esse será necessariamente o consumo efetivo do empreendimento.

Em uma região onde nascentes e cursos d’água já sofrem pressão, a questão ganha outra dimensão. A pergunta passa a ser não apenas quanto de água um novo empreendimento poderá utilizar, mas de onde virá essa água, quais serão as condições de captação e quais garantias existirão para preservar os mananciais.

O alerta chegou de fora, mas diz respeito a todos

A reportagem publicada em setembro trouxe para o debate uma questão que merece atenção local: como um empreendimento dessa dimensão pode ser planejado sem que a população tenha acesso, desde o início, às informações sobre seus possíveis impactos?

A apuração ouviu autoridades, agricultores, moradores e empresários de Paracatu. Segundo os relatos publicados, muitos deles desconheciam o projeto até serem procurados pelos jornalistas.

Esse cenário reforça a importância da transparência e do acesso à informação em projetos capazes de produzir mudanças significativas no território.

Também merece atenção a eventual presença de comunidades tradicionais na área de influência do empreendimento. Quando houver enquadramento legal, processos de licenciamento e decisões administrativas devem observar as normas ambientais e os mecanismos de participação e consulta previstos na legislação.

O projeto ainda não está definido

É importante deixar claro que o data center não deve ser tratado como uma obra já aprovada ou em construção.

A própria Atlas Renewable Energy informou que o empreendimento está em uma fase muito preliminar de estudos e que ainda não há definição técnica consolidada. Dessa forma, aspectos como a tecnologia de resfriamento, a demanda efetiva de água, a configuração final dos módulos e outras características do projeto ainda precisam ser esclarecidos.

A previsão divulgada nos documentos



apresentados ao governo federal aponta para uma operação parcial a partir de dezembro de 2027 e conclusão até 2030, mas essas datas fazem parte do planejamento apresentado e não significam que a implantação esteja garantida.

É justamente nessa fase inicial que o debate público se torna importante.

Energia, investimento e os desafios para Paracatu

A escolha de Paracatu está relacionada também à presença de grandes empreendimentos de geração solar da Atlas Renewable Energy no município.

Segundo a reportagem, um dos complexos solares da empresa teve sua geração reduzida em quase 40% em 2025 em razão de cortes obrigatórios no sistema elétrico. O projeto do data center aparece, nesse contexto, como uma possibilidade de utilizar parte dessa energia em uma estrutura de grande consumo. O Complexo Solar Luiz Carlos, associado ao projeto, possui atualmente 661,5 MW de capacidade instalada, segundo os dados apresentados na apuração.

Um empreendimento dessa dimensão pode representar investimentos, empregos, arrecadação e novas oportunidades econômicas. Mas, para uma cidade que já enfrenta desafios relacionados à água, o desenvolvimento precisa ser acompanhado de planejamento e responsabilidade ambiental.

O tamanho do investimento, por si só, não responde às perguntas que mais preocupam a população.

Quanto de água será necessário? De onde ela virá? Quais nascentes e cursos d’água estarão na área de influência? Como serão protegidos os mananciais? Quais comunidades poderão ser afetadas? E quais mecanismos de acompanhamento e fiscalização estarão disponíveis para a sociedade?

São perguntas que precisam fazer parte da discussão antes que decisões definitivas sejam tomadas.

O futuro tecnológico também precisa respeitar o futuro da água

Paracatu é uma cidade marcada pela agricultura, pela mineração, pela produção de energia e por uma população que depende diretamente dos recursos naturais do território.

A chegada de uma nova atividade ligada à inteligência artificial coloca o município diante de uma oportunidade e, ao mesmo tempo, de um desafio.

Não se trata de ser contra ou a favor da tecnologia. Trata-se de conhecer o projeto, compreender seus impactos e garantir que as decisões sejam tomadas com informação, transparência e responsabilidade.

O futuro tecnológico pode chegar a Paracatu. Mas, antes que grandes estruturas sejam erguidas, é preciso olhar para aquilo que não aparece nas telas dos computadores: as nascentes, os rios, as veredas, as comunidades e a água que sustenta a vida.

Em uma região onde os conflitos hídricos já fazem parte da realidade, o desenvolvimento precisa caminhar junto com a preservação.

Porque tecnologia pode apontar para o futuro. Mas é a água que permite que esse futuro exista.

Referências

Intercept Brasil — Naira Hofmeister. Data center pega de surpresa cidade mineira que sofre com falta d’água. Publicada em 10 de setembro de 2026, em colaboração com a Mongabay.

Mongabay Brasil — Naira Hofmeister. Data center pega de surpresa cidade mineira que sofre com falta d’água. Publicada em setembro de 2026.

Atlas Renewable Energy — informações institucionais sobre projetos de energia renovável e atuação no setor de data centers.

Intercept Brasil/Mongabay — levantamento sobre projetos de data centers no Brasil, disponibilidade hídrica e energética e situação do projeto de Paracatu.

Quando a arte ganha as ruas, os jovens ganham voz

Projeto “Paracatu em Cores” levou grafite, música, poesia e cultura hip-hop à Escola Polivalente



A arte urbana tomou conta da entrada da Escola Estadual Dr. Virgílio de Melo Franco (Polivalente), no dia 19 de setembro, durante a primeira edição do projeto “Paracatu em Cores: Grafite nas Ruas”.

Gratuito e aberto à comunidade, o encontro reuniu artistas, estudantes e moradores em uma programação com grafite, oficinas, SLAM, break dance, poesia, capoeira, música e shows.

A presença de artistas da cena nacional do grafite transformou parte da fachada da escola em uma grande obra de arte a céu aberto. Mais do que mudar a paisagem, a iniciativa mostrou a força da arte como instrumento de expressão e pertencimento.

Para muitos jovens, o grafite e a cultura hip-hop são mais do que manifestações artísticas. São formas de falar, criar, ocupar espaços e mostrar que suas histórias também merecem ser ouvidas. A arte

oferece uma linguagem capaz de atravessar diferenças e aproximar pessoas.

Idealizado pelo Coletivo Cultural Galeria Arte & Cultura, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet), do Ministério da Cultura, com patrocínio da Kinross e apoio da Prefeitura de Paracatu, o projeto busca ampliar o acesso à arte urbana, incentivar a formação cultural de crianças e jovens e fortalecer a cultura hip-hop no município.

Entre cores, versos, música e movimento, Paracatu recebeu uma manifestação que nasceu nas ruas e continua encontrando na juventude uma de suas vozes mais fortes.



CONCESSÃO DE LICENÇA

O Empreendedor **LÍDER DESENVOLVIMENTO AGROPECUÁRIO EIRELI**, nos termos do art. 30 da Deliberação Normativa Copam nº 217, de 2017, torna público que obteve do Conselho Estadual de Política Ambiental COPAM, Licença Ambiental Concomitante - LAC 2 – LOC, certificado nº 39707/2025, Processo Administrativo nº 39707/2025 para o empreendimento Fazenda Arrenegado, atividades de Culturas anuais, semiperenes e perenes e cultivos agrossilvipastoris, exceto horticultura código G-01-03-1; Barragem de irrigação ou de perenização para agricultura código G-05-02-0; Criação de bovinos, bubalinos, equinos, muares, ovinos e caprinos, em regime extensivo código G- 02-07-0; no Município de Guarda - Mor MG, Classe 4, válida pelo prazo de 6 anos, com vencimento em 26/08/2032.

O voto que escolhe o futuro

Mais do que apertar algumas teclas na urna, votar é escolher que tipo de sociedade queremos construir. Por isso, é preciso olhar para além dos discursos e conhecer as propostas e a história de quem pede o nosso voto.

Faltam poucos dias para as Eleições Gerais de 2026. No dia 4 de outubro, milhões de brasileiras e brasileiros irão às urnas para escolher presidente da República, governador, dois senadores, deputado federal e deputado estadual ou distrital.

Mas uma eleição não deveria ser apenas uma data marcada no calendário. É um momento de responsabilidade. É quando cada cidadão tem nas mãos uma pequena parte do futuro do país, do estado e, de alguma maneira, da própria cidade onde vive.

O voto é individual, mas suas consequências são coletivas.

Por isso, antes de escolher um número, vale perguntar: o que esse candidato pensa sobre educação? Sobre saúde? Sobre segurança? Sobre geração de emprego e renda? Sobre meio ambiente? Sobre cultura? Sobre as crianças, os idosos, as pessoas mais pobres e aqueles que mais precisam da presença do poder público?

Também é importante conhecer a trajetória de quem pede o nosso voto. O que já fez? Quais ideias defende? Quem representa? Como se posiciona diante dos problemas da sociedade? Promessas bonitas podem chamar a atenção, mas é preciso procurar propostas possíveis e, principalmente, compromisso com o bem comum.

Não se trata de escolher simplesmente quem fala melhor, quem aparece mais ou quem está mais presente nas redes sociais. A democracia exige um pouco mais de nós. Exige atenção, informação e responsabilidade.

O voto não termina na urna. Depois da eleição, os cidadãos continuarão vivendo com as decisões tomadas por aqueles que foram escolhidos. Uma boa escola, um posto de saúde funcionando, uma cidade organizada, a preservação do meio ambiente, oportunidades de trabalho, proteção social e respeito aos direitos não acontecem por acaso. São resultado de escolhas, prioridades e políticas públicas.

Por isso, cada eleitor precisa compreender que seu voto tem valor. Não deve ser trocado, por favor, promessa pessoal ou benefício momentâneo. Deve ser uma escolha consciente, pensando não apenas no que é melhor para cada um, mas também no que pode ser melhor para todos.

Em tempos de tanta informação, desinformação, discursos inflamados e disputas políticas, talvez seja necessário diminuir o barulho e aumentar a reflexão.

Que cada um procure conhecer os candidatos. Que compare propostas. Que observe suas histórias. Que pense na cidade,



no estado e no país que deseja deixar para as próximas gerações.

Escolher também é uma forma de cuidar

E talvez seja justamente esse o sentido mais bonito da democracia: acreditar que podemos participar da construção de um lugar melhor para viver.

Na hora de votar

O TSE orienta que o eleitor mantenha a calma diante da urna, digite os números com atenção e confira o nome, a fotografia, o cargo e o partido antes de apertar CONFIRMA. Em caso de erro, é possível apertar CORRIGE e refazer aquele voto.

A ordem de votação será:
Deputado federal – quatro dígitos;
Deputado estadual ou distrital – cinco dígitos;
Primeiro senador – três dígitos;
Segundo senador – três dígitos;
Governador – dois dígitos;
Presidente da República – dois dígitos.

Uma boa dica é levar anotados, em papel, os números dos candidatos escolhidos. O uso de celular na cabine de votação é proibido para preservar o sigilo do voto.

Um sonho possível

Talvez a política também precise recuperar a capacidade de sonhar com um país mais justo, mais humano e mais solidário.

É essa esperança que aparece em “Coração Civil”, de Milton Nascimento e Fernando Brant, uma canção que fala de utopia, justiça, liberdade, felicidade e do desejo de ver um país melhor.

No fundo, votar também pode ser isso: escolher, entre tantas possibilidades, aquelas que mais se aproximam do país que sonhamos construir.

Como canta Milton Nascimento, é preciso continuar sonhando e acreditando que esse sonho teimoso, um dia, pode se realizar.

Porque o futuro não é apenas aquilo que esperamos. É também aquilo que ajudamos a escolher.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE MINAS GERAIS
JUSTIÇA DE 1ª INSTÂNCIA
VARA AGRÁRIA DE MINAS GERAIS E DE ACIDENTES DE TRABALHO DA COMARCA DE BELO HORIZONTE
Av. Raja Gabaglia, 1753, Térreo – Belo Horizonte/MG – CEP 30380-900 Fone/Fax (31) 3299-4535 Email: bhe.vagraria@tjmg.jus.br

SECRETARIA DA VARA AGRÁRIA DE MINAS GERAIS E ACIDENTE DE TRABALHO DA COMARCA DE BELO HORIZONTE. EDITAL DE CITAÇÃO/INTIMAÇÃO. PRAZO: 20 (VINTE) DIAS. A MMª Juíza de Direito Doutora Janete Gomes Moreira, Juíza de Direito da Vara Agrária de Minas Gerais e Acidente de Trabalho da Comarca de Belo Horizonte, na forma da Lei, FAZ SABER a quantos o presente edital virem ou dele conhecimento tiverem que, perante este Juízo e Secretaria, processam-se os termos e atos da **AÇÃO DE INTERDITO PROIBITÓRIO COM PEDIDO DE TUTELA DE URGÊNCIA Nº 5266874-17.2022.8.13.0024**, ajuizada por **MMC AGRO ADMINISTRADORA DE BENS LTDA**, pessoa jurídica de direito privado, inscrita no CNPJ/MF sob o número 41.323.662/0001-80, **em face de MOVIMENTO E LUTA PELA TERRA E JUSTIÇA – MLSTJ e MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST)**, ação em que a parte autora, dizendo-se proprietária e possuidora, busca proteção possessória para os imóveis denominados **“Fazendas Riacho”**, inscrita na Receita Federal sob o nº 0.336.617-0 e com Cadastro de Imóvel Rural sob o nº 404.080.252.840-6, composta pelas seguintes matrículas: I) **Fazenda Tamanduá**, com área de 390,00ha., situada no município de Paracatu, objeto da matrícula nº15.058, do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Paracatu, Estado de Minas Gerais com matrícula aberta na data de 16.01.1995; II) **Fazenda Frederico**, com área de 429,00 ha., situada no município de Paracatu/MG, objeto da matrícula nº15.059, do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Paracatu, Estado de Minas Gerais com matrícula aberta na data de 16.01.1995; III) **Fazenda Frederico**, com área de 496,8499 ha., situada no município de Paracatu/MG, objeto da matrícula nº 15.060, do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Paracatu, Estado de Minas Gerais com matrícula aberta na data de 16.01.1995; IV) **Fazenda Riacho**, com área de 16.310,5841ha., situada no município de Paracatu/MG, objeto da matrícula nº17.873, do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Vazante, Estado de Minas Gerais, com matrícula aberta na data de 17.01.2002; **Imóvel 2: “Fazenda Bom Sucesso”**, inscrita na 596Receita Federal sob o nº 0.642.278-0 e com Cadastro de Imóvel Rural sob o nº404.110.007.030-0, composta pelas matrículas a seguir descritas: I) **Fazenda Bom Sucesso**, com área de 18.080,00ha., situada no Município de Vazante/MG, objeto da matrícula nº861, do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Vazante, Estado de Minas Gerais com matrícula aberta na data de 14.12.1992; II) **Fazenda Veredas**, com área de 1.035,537ha., situada nos lugares denominados Taquara e Vargem do Rego, no município de Vazante MG, objeto da matrícula nº1998, do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Vazante, Estado de Minas Gerais, com matrícula aberta na data de 27.10.1995; III) **Fazenda Veredas**, com área de 1.490,0000ha., situada no lugar denominado Cabeludo, objeto da matrícula nº1.999, do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Vazante, Estado de Minas Gerais com matrícula aberta na data de 17.10.1995; IV) **Fazenda Veredas**, com área de 983,1900ha., situada nos lugares denominados Lagoa da Mumbuca e Lagoa Sangue-Suga, no município de Vazante/MG, objeto da matrícula nº 2.001, do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Vazante, Estado de Minas Gerais, com matrícula aberta na data de 27.10.1995; V) **Fazenda Bom Sucesso**, com área de 2.158.7700ha., situada no município de Vazante/MG, objeto da matrícula nº4.654, do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Vazante, Estado de Minas Gerais, com matrícula aberta na data de 03.06.2004; VI) **Fazenda Veredas**, com área de 760,0000ha., situada no município de Vazante/MG, objeto da matrícula nº4.655, do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Vazante, Estado de Minas Gerais, com matrícula aberta na data de 03.06.2004; VII) **Fazenda Lavado**, com área de 91,6897ha., situada no município de Vazante/MG, objeto da matrícula nº4.656, do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Vazante, Estado de Minas Gerais, com matrícula aberta na data de 03.06.2004; VIII) **Fazenda Lavado**, com área de 1.895,9472ha., situada no município de Vazante/MG, objeto da matrícula nº 4.657, do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Vazante, Estado de Minas Gerais, com matrícula aberta na data de 03.06.2004; IX) **Fazenda Lavado**, com área de 1.859,8019ha., situada no município de Vazante/MG objeto da matrícula nº4.658, do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Vazante, Estado de Minas Gerais, com matrícula aberta na data de 03.06.2004. Por se tratar de litígio fundiário coletivo, destina-se o presente edital à CITAÇÃO E INTIMAÇÃO DE INTERESSADOS INCERTOS, DESCONHECIDOS; OS NÃO ENCONTRADOS PARA CITAÇÃO PESSOAL, EVENTUAIS TERCEIROS INTERESSADOS, PERTENCENTES OU NÃO A MOVIMENTOS SOCIAIS OU SINDICATOS, OU QUAISQUER AGREMIAÇÕES QUE APOIEM A LUTA PELA TERRA E REFORMA AGRÁRIA, BEM COMO TODOS E QUAISQUER MOVIMENTOS SOCIAIS, COM OU SEM PERSONALIDADE JURÍDICA FORMALIZADA PARA OS TERMOS DA PRESENTES AÇÃO E PARA OFERECEREM DEFESA RESPOSTA, NO PRAZO DE 15 (QUINZE) DIAS, com as advertências do artigo 344 do CPC, ficando os mesmos advertidos de que, em caso de revelia, ser-lhes-á nomeado curador especial (artigo 257, IV do CPC). O presente edital será afixado no lugar de costume e publicado na forma da Lei. Belo Horizonte, 1º de julho de 2026. Cláudia Valéria Viana Lage, Escrivã Judicial. Doutora Janete Gomes Moreira – Juíza de Direito - Vara Agrária de Minas Gerais e Acidente de Trabalho da Comarca de Belo Horizonte.

Entre a sátira e a crítica ao poder

Escrito em 1870 e publicado posteriormente no livro Dias e Noites, de 1881, o poema “O Rei Reina e Não Governa”, de Tobias Barreto, utiliza o humor e a ironia para questionar as relações de poder e as formas de governo de seu tempo. Por meio de uma conversa imaginária entre animais, o autor transforma o reino em um retrato da sociedade, colocando em debate quem realmente exerce o poder e em nome de quem ele é exercido.

Com linguagem provocadora e satírica, Tobias Barreto aborda temas como representação, direitos, parlamento e responsabilidade dos governantes. Mesmo escrito há mais de um século, o poema convida o leitor a refletir sobre uma questão que atravessa diferentes épocas:

O Rei Reina e Não Governa

Tobias Barreto

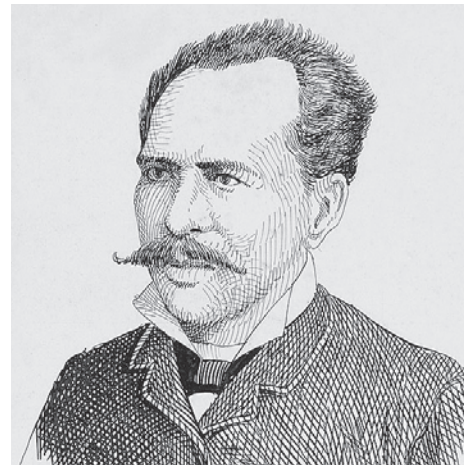
Não sei porque a língua humana
Os brutos não falam mais,
Quando hoje têm melhor vida.
E há muita besta instruída
Nas ciências sociais...

Ultimamente entenderam
Que tinham também razão
De proclamar seus direitos,
Pondo em uso os bons efeitos
Que trouxe a Revolução...

“Seja o leão, diz o asno,
Um rei constitucional;
Com assembléias mudáveis,
Com ministros responsáveis,
Não nos pode fazer mal.

Fiquem-lhe as garras ocultas,
Não ruja, não erga a voz,
Conforme a tese moderna
Qu’ele reina e não governa,

a distância que pode existir entre aqueles que ocupam o poder e aqueles que deveriam ser representados por ele.



Quem governa somos nós...

Todas as bestas da terra,
Todas as bestas do mar,
Tenham os seus delegados,
Sendo os ministros tirados
Do seio parlamentar...

(...)

Só vejo, que bem nos quadre
No trono, algum animal,
Que coma e viva deitado:
O porco!... Exemplo acabado
De rei constitucional...”

1870

Publicado no livro Dias e Noites (1881).
Poema integrante da série Parte V - Sátiras.

Um território que guarda histórias, saberes e ancestralidade

Vídeo institucional apresenta a Rota de Afroturismo do Quilombo São Domingos e leva a identidade da comunidade para além de seus limites



O Quilombo São Domingos apresentou, no dia 16, um vídeo institucional que reúne experiências da Rota de Afroturismo desenvolvida na comunidade. O lançamento aconteceu na sede da Associação Quilombola, na Fábrica de Biscoitos Ouro da Roça, em um encontro marcado pela valorização da memória, da cultura e dos saberes transmitidos entre gerações.

A recepção também teve sabor de pertencimento. Suco de tamarindo, pão de queijo, bolo de fubá, pão de batata com recheio de frango e o tradicional cafezinho foram servidos aos convidados, acompanhados pelas delícias produzidas pela Fábrica de Biscoitos Ouro da Roça.

Mais do que uma mesa de café, os alimentos ajudaram a mostrar que a gastronomia também faz parte da experiência quilombola. São sabores simples e afetivos que carregam lembranças e aproximam o visitante do modo de vida da comunidade.

O vídeo tem uma missão que vai além da divulgação turística: apresentar um lugar de história, identidade e ancestralidade. As imagens mostram tradições, manifestações culturais, gastronomia, histórias e conhecimentos que permanecem vivos entre as gerações.

Participaram do lançamento o gerente regional Noroeste e Alto Paranaíba do Sebrae Minas, Marcos Geraldo Alves da Silva; o secretário de Turismo, Igor Diniz; a analista de projetos e técnica do Sebrae Minas, Patrícia Resende; a presidente da Associação Quilombola do São Domingos, Irene dos Reis; e o agente cultural, analista e desenvolvedor de sistemas e quilombola da comunidade, Romário Moreira da Silva.

A iniciativa conta com a parceria do Sebrae Minas e do poder público municipal, por meio das secretarias de Cultura e Turismo. A proposta é fortalecer o turismo de base comunitária e fazer com que os próprios moradores sejam protagonistas das experiências oferecidas aos visitantes.

Com o novo material, os anfitriões poderão apresentar o Quilombo São Domingos em feiras, encontros e eventos fora do município, levando suas histórias e tradições para novos públicos.

Cultura que atravessa fronteiras

Nos dias 18 e 19, o Quilombo São Domingos e a Caretagem participaram da Festa Brasileira do Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB), no Rio de Janeiro, evento integrado à programação oficial da Semana de Arte do Rio.

A presença em um evento nacional reforça a importância de dar visibilidade às manifestações culturais quilombolas de Paracatu. Cada receita, cada história, cada manifestação e cada saber preservado carrega parte da trajetória de um povo que mantém viva sua identidade.

Uma rota que conta uma história

A Rota Turística do Quilombo São Domingos é apresentada como o primeiro produto de afroturismo desenvolvido pelo Sebrae Minas no estado, em conjunto com a comunidade e o poder público municipal.

O projeto de turismo de base comunitária possui um Catálogo de Experiências Turísticas com um itinerário formado por 12 atrativos. A proposta é aproximar o visitante da história e da identidade do quilombo por meio da ancestralidade africana, da resistência, da cultura e dos conhecimentos preservados ao longo do tempo.

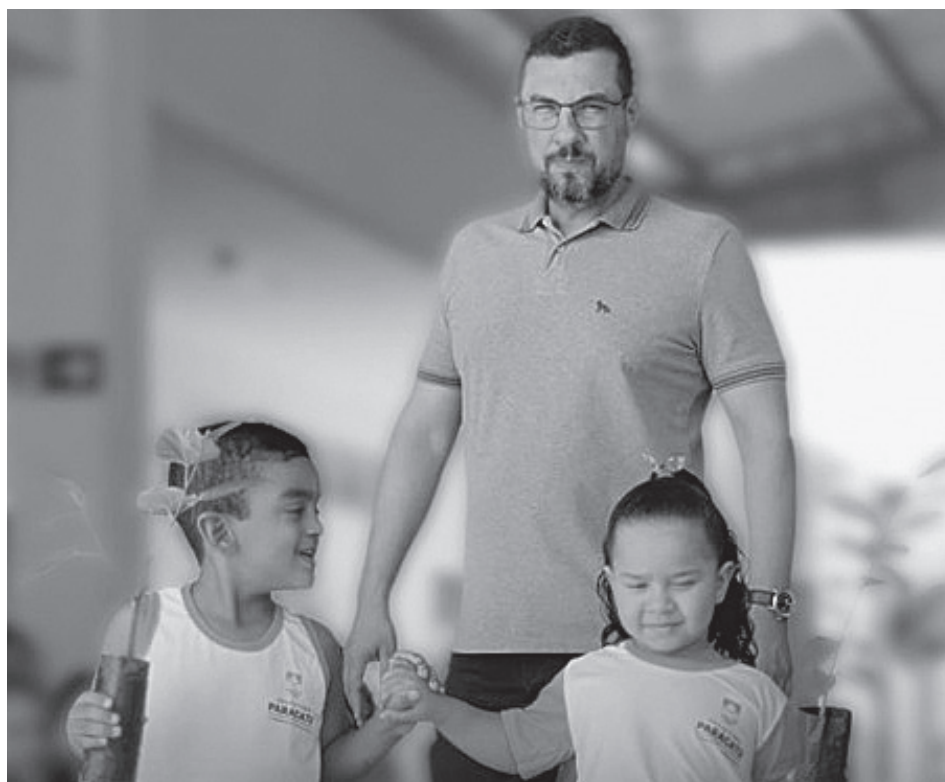
Valorizar o Quilombo São Domingos é reconhecer que o turismo também pode ajudar a preservar a memória. E o novo vídeo cumpre um papel importante: permite que a própria comunidade conte sua história, mostre sua cultura e apresente a riqueza que existe em seu território.

Entre imagens, histórias e sabores, o quilombo mostra que sua maior riqueza está, sobretudo, nas pessoas, nos saberes e nas tradições que continuam vivos. Uma cultura que merece ser conhecida, respeitada e valorizada.



Plantar uma árvore é também plantar o futuro

Projeto de enfrentamento à crise climática leva arborização e educação ambiental para as escolas da rede municipal



A manhã do dia 1º de setembro, mês em que chega a primavera, foi diferente na Creche Municipal Maria do Carmo O. Boitrago. Com as mãos na terra e muita curiosidade, os alunos participaram do plantio de mudas que marcou o início do Projeto de Enfrentamento à Crise Climática nas Escolas, desenvolvido pela Prefeitura de Paracatu, por meio das Secretarias Municipais de Educação e Tecnologia e de Meio Ambiente, em parceria com a Kinross. Mais do que plantar árvores, a iniciativa busca ensinar às crianças, desde cedo, que cuidar do meio ambiente é responsabilidade de todos. O projeto prevê a arborização de escolas da rede municipal, principalmente aquelas com pouca cobertura vegetal e maior exposição ao sol.

As árvores vão contribuir para aumentar as áreas de sombra, melhorar o ambiente escolar e ajudar na redução do calor. Mas existe também um objetivo que vai além do plantio: formar uma nova geração mais consciente da importância de viver em harmonia com a natureza.

Na creche, as crianças participaram diretamente da atividade. A experiência simples de colocar uma muda na terra transformou a educação ambiental em algo concreto. Agora, elas poderão acompanhar

o crescimento das árvores e perceber, com o passar do tempo, que cuidar também é uma forma de construir o futuro.

Para o prefeito Pedro Adjuto, o projeto representa um investimento que vai além das escolas.

“Quando uma criança planta uma árvore, ela está aprendendo que cuidar do meio ambiente é uma responsabilidade de todos. Estamos preparando nossas escolas para serem espaços mais agradáveis, com mais sombra e qualidade de vida, mas também estamos plantando consciência”, afirmou.

A parceria com a Kinross possibilita a doação de 200 mudas, preferencialmente de espécies nativas e de crescimento rápido, além de apoio no plantio e manejo. A Secretaria Municipal de Educação e Tecnologia ficará responsável pela coordenação das ações e pela manutenção das mudas, com a participação das comunidades escolares.

A ação na Creche Maria do Carmo é apenas o começo. O projeto será levado a outras unidades da rede municipal, ampliando os espaços verdes e fortalecendo a educação ambiental.

Porque uma cidade que ensina suas crianças a cuidar das árvores também ensina a cuidar da própria vida.

Banco Vermelho reforça em Paracatu a luta contra a violência à mulher

Nova instalação amplia a campanha de conscientização e chama a sociedade para a prevenção da violência e o combate ao feminicídio

A luta contra a violência à mulher ganhou mais um espaço de conscientização em nossa cidade. Na manhã do dia 31 de agosto, um novo Banco Vermelho foi instalado no Centro de Especialidades Médicas (CEM), ampliando uma campanha que busca levar informação e chamar a atenção da população para a prevenção da violência e do feminicídio.

A iniciativa da Prefeitura Municipal de Paracatu, por meio da Secretaria Municipal da Mulher, Igualdade Racial e Juventude, é realizada em parceria com o Instituto Banco Vermelho e faz parte da política nacional de enfrentamento à violência contra a mulher.

O projeto chegou ao município em janeiro deste ano, com a instalação do primeiro Banco Vermelho Gigante, na Praça Firmina Santana. Desde então, outros espaços também passaram a receber os bancos, como a praça do bairro Alto do Açude e o bairro Vista Alegre.

Mais do que um banco, o vermelho é um símbolo. A proposta é provocar uma



reflexão: ao sentar, pensar sobre a violência; ao levantar, agir contra ela.

Nos bancos estão informações sobre os cinco tipos de violência previstos na Lei Maria da Penha, física, psicológica, sexual, patrimonial e moral, além do número Ligue

180, canal nacional de atendimento e orientação para mulheres em situação de violência.

Para a diretora do CEM, Nádia Roquete, levar o Banco Vermelho para o espaço de atendimento reforça o compromisso da instituição com a causa.

“Queremos chegar ao feminicídio zero, e o CEM é uma grande parceira desse projeto em Paracatu.”

A secretária municipal da Mulher, Igualdade Racial e Juventude, Maria José Brandão e Magalhães, destaca que ampliar a presença dos bancos pela cidade ajuda a fazer a informação chegar a mais pessoas.

A proposta é simples, mas necessária: informar para prevenir, reconhecer a violência e saber onde buscar ajuda.

O combate à violência contra a mulher não depende apenas das vítimas. É uma responsabilidade de toda a sociedade. Falar sobre o assunto, não se calar diante de uma agressão e conhecer os canais de proteção são atitudes que podem ajudar a salvar vidas.

Com a instalação de novos Bancos Vermelhos, Paracatu amplia essa conversa e reforça uma mensagem que precisa estar presente em todos os lugares: violência contra a mulher não é normal, não é problema de família e não pode ser ignorada.

CURIOSIDADES QUE AJUDAM A CONHECER PERSONAGENS E MOMENTOS DA HISTÓRIA DO BRASIL

Por trás dos grandes nomes da política brasileira, existem histórias, hábitos, decisões e episódios pouco conhecidos que ajudam a entender melhor cada personagem e o tempo em que viveu

A história do Brasil não é feita apenas de grandes acontecimentos, datas e nomes conhecidos. Por trás dos presidentes, políticos e figuras que marcaram diferentes períodos do país, existem também histórias curiosas, hábitos pessoais, estratégias políticas e decisões que ajudam a compreender melhor o Brasil de cada época.

Alguns desses personagens construíram uma imagem pública muito forte. Outros ficaram conhecidos por atitudes inusitadas ou por episódios que até hoje despertam curiosidade. Conhecer esses detalhes é também uma maneira de olhar para a história de forma mais humana e próxima.

GETÚLIO VARGAS, O “PAI DOS POBRES”



Getúlio Vargas

Getúlio Vargas é um dos personagens mais marcantes da história política brasileira. Governou o país em diferentes períodos e ficou conhecido, entre outras expressões, como “Pai dos Pobres”, principalmente pela criação e consolidação de direitos trabalhistas durante seu governo.

A CARTEIRA DE TRABALHO NÚMERO 000.001

Um dos episódios curiosos relacionados à imagem de Vargas como defensor dos trabalhadores está em sua própria carteira profissional. Em 1952, ele apareceu registrado como trabalhador de número 000.001, em sua carteira de trabalho. O documento tornou-se uma imagem simbólica da relação que o presidente procurava estabelecer com os trabalhadores.

A PROPAGANDA E O CONTROLE DA INFORMAÇÃO

Durante o Estado Novo, o governo Vargas criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), responsável por promover a imagem do governo e controlar a divulgação de informações.

Durante a Segunda Guerra Mundial, medidas de nacionalização também atingiram comunidades de imigrantes e seus meios de comunicação, especialmente em um momento de forte preocupação com a influência de países estrangeiros no Brasil.

“PAI DOS POBRES” E “MÃE DOS RICOS”

O apelido “Pai dos Pobres” também ganhou uma versão crítica entre os opositores de Vargas. Eles diziam, de forma irônica, que ele seria o “Pai dos Pobres e Mãe dos Ricos”, numa referência à política de conciliação entre trabalhadores, governo e setores empresariais.

A frase mostra como a mesma figura podia ser vista de maneiras completamente diferentes, dependendo do grupo político e social que a observava.

JÂNIO QUADROS, O “VASSOURINHA”



Jânio Quadros

Jânio Quadros chegou à Presidência da República em 1961 com a imagem de

político independente, moralizador e próximo do povo. Seu símbolo de campanha era uma vassoura, usada como representação da promessa de “varrer” a corrupção.

Seu governo, porém, durou apenas alguns meses e ficou marcado por decisões bastante incomuns.

OS FAMOSOS BILHETINHOS

Jânio tinha o hábito de se comunicar com ministros e funcionários por meio de pequenos bilhetes manuscritos. Os chamados “bilhetinhos” tornaram-se uma das marcas de seu governo.

Segundo a Rádio Senado, em pouco mais de sete meses de governo foram emitidos 1.534 bilhetinhos, muitos deles posteriormente divulgados pela imprensa.

PROIBIÇÕES QUE CHAMARAM ATENÇÃO

Jânio também ficou conhecido por medidas consideradas inusitadas. Durante seu curto mandato, proibiu as brigas de galo, o lança-perfume e determinou restrições a trajes de banho em concursos de beleza. Há registros ainda de outras medidas voltadas aos costumes e ao comportamento social.

O decreto de 18 de agosto de 1961, por exemplo, proibiu a fabricação, o comércio e o uso do lança-perfume em todo o território nacional.

Essas decisões ajudaram a construir a imagem de um presidente que misturava medidas administrativas importantes com outras que chamavam a atenção justamente por seu caráter peculiar.

JUSCELINO KUBITSCHKE,



Juscelino Kubitschek

O PRESIDENTE DA MODERNIZAÇÃO

Juscelino Kubitschek, conhecido como JK, ficou marcado pelo lema “50 anos em 5” e pelo projeto de modernização do Brasil. Seu governo foi responsável por grandes investimentos em infraestrutura e pela construção de Brasília.

UM PRESIDENTE QUE GOSTAVA DE DANÇAR

JK tinha fama de ser um homem alegre e gostava de música e dança. Seu jeito informal ajudava a construir uma imagem diferente daquela tradicionalmente associada aos presidentes da República.

Serestas, choros e encontros musicais faziam parte de sua vida pessoal e contribuíam para a imagem de um presidente próximo da cultura brasileira.

O CATETINHO

A construção de Brasília foi um dos grandes projetos de seu governo. Antes de a nova capital ficar pronta, JK precisava de um local para acompanhar de perto as obras no cerrado.

Foi construído, então, o Catetinho, uma estrutura simples de madeira que serviu como residência e local de trabalho provisório do presidente. O nome fazia referência ao Palácio do Catete, antiga sede da Presidência no Rio de Janeiro.

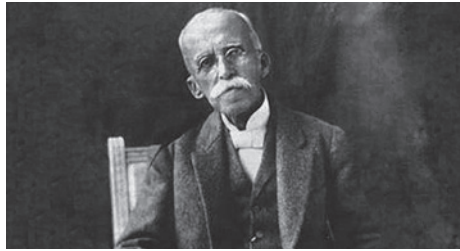
O pequeno prédio tornou-se um dos símbolos da ousadia do projeto de Brasília.

O FUSCA CHEGA AO BRASIL

O governo JK também ficou associado ao crescimento da indústria automobilística brasileira. O Volkswagen Sedan, conhecido popularmente como Fusca, começou a ser produzido no Brasil no final da década de 1950 e rapidamente se transformou em um dos carros mais populares do país.

O automóvel acabou se tornando também um símbolo da modernização e da expansão do consumo durante aquele período.

RUY BARBOSA, A “ÁGUIA DE HAIA”



O jurista e diplomata Rui Barbosa (1849-1923)

Crédito: Divulgação/Fundação Casa de Rui Barbosa

Ruy Barbosa foi advogado, jornalista, jurista, político, diplomata, escritor e um dos grandes intelectuais brasileiros. Seu nome ficou especialmente conhecido pela participação na Segunda Conferência da Paz, realizada em Haia, na Holanda, em 1907.

DE ONDE VEIO O APELIDO “ÁGUIA DE HAIA”?

Sua atuação na Conferência de Haia projetou seu nome internacionalmente. A defesa da igualdade jurídica entre as nações e sua capacidade de argumentação fizeram com que Ruy Barbosa fosse lembrado pelo apelido de “Águia de Haia”. A própria Academia Brasileira de Letras registra a associação de seu nome ao famoso cognome.

UMA BIBLIOTECA IMPRESSIONANTE

Ruy Barbosa também era um grande apaixonado pelos livros. Sua biblioteca pessoal reunia dezenas de milhares de volumes, incluindo obras jurídicas e livros em diferentes áreas do conhecimento.

A Academia Brasileira de Letras registra que sua biblioteca chegou a reunir cerca de 37 mil volumes.

A POLÊMICA SOBRE OS DOCUMENTOS DA ESCRAVIDÃO

Outro episódio frequentemente associado a Ruy Barbosa é a chamada “queima dos arquivos da escravidão”. Em 1890, quando era ministro da Fazenda, ele determinou a eliminação de documentos relacionados à escravidão que estavam sob responsabilidade do Ministério.

A medida é geralmente relacionada à intenção de impedir que antigos proprietários de escravizados buscassem indenizações após a Abolição. Porém, a história é mais complexa do que muitas vezes aparece em relatos resumidos. Pesquisadores da própria Academia Brasileira de Letras já destacaram que não existia um único grande arquivo reunindo toda a documentação da escravidão e que muitos documentos permaneceram preservados.

O episódio permanece, portanto, como um dos capítulos mais controversos da trajetória de Ruy Barbosa e também como um alerta sobre a importância da preservação dos documentos históricos.

CURIOSIDADES SOBRE AS ALIANÇAS E PRÁTICAS POLÍTICAS

A história política brasileira também foi marcada por alianças, acordos e formas de exercer o poder que ajudam a entender como as eleições e os governos funcionavam no passado.

O “CAFÉ COM LEITE” NÃO ERA TÃO SIMPLES ASSIM

A chamada Política do Café com Leite ficou conhecida como uma aliança entre as elites políticas de São Paulo e Minas Gerais durante a Primeira República.

O nome fazia referência ao café, principal produto da economia paulista, e ao leite, associado à economia mineira. O arranjo buscava manter a influência das duas oligarquias sobre a política nacional.



Mas é importante lembrar que não existia um revezamento perfeito e automático entre paulistas e mineiros. Houve conflitos, disputas e rupturas ao longo do período.

A crise mais conhecida ocorreu em 1930, quando o presidente Washington Luís, paulista, apoiou outro paulista, Júlio Prestes, para sua sucessão, contrariando os interesses de setores mineiros. A ruptura contribuiu para a crise política que desembocou na Revolução de 1930 e na chegada de Getúlio Vargas ao poder.

A ORIGEM DO “VOTO DE CABRESTO”



“As próximas eleições... de cabresto”, título da charge de Storni, publicada na revista Careta, em 1927

“As próximas eleições... de cabresto”, título da charge de Storni, publicada na revista Careta, em 1927.

O termo “voto de cabresto” ficou associado ao controle político exercido por coronéis durante a Primeira República.

A expressão faz referência ao cabresto, instrumento usado para conduzir animais. No contexto político, representava a pressão exercida sobre eleitores para que votassem de acordo com a vontade dos chefes locais.

Naquele período, o voto não era secreto, o que facilitava a fiscalização e a pressão sobre os eleitores. Coronéis e seus grupos de apoio podiam utilizar ameaças, favores, dependência econômica e outras formas de pressão para controlar os votos.

O voto de cabresto mostra uma realidade muito diferente da ideia de liberdade eleitoral que hoje consideramos fundamental para a democracia.

A HISTÓRIA TAMBÉM ESTÁ NOS DETALHES

Conhecer essas curiosidades não significa diminuir a importância dos grandes acontecimentos históricos. Pelo contrário. São justamente esses pequenos episódios que ajudam a compreender como os personagens pensavam, como construíam sua imagem pública e como funcionava a sociedade de seu tempo.

Getúlio, Jânio, JK e Ruy Barbosa foram homens muito diferentes entre si, mas todos deixaram marcas profundas na história brasileira.

Ao conhecer suas histórias para além dos livros e dos discursos oficiais, percebemos que a História não é feita apenas de grandes nomes e grandes acontecimentos. Ela também é feita de escolhas, contradições, hábitos, erros, acertos e personagens humanos. E é justamente por isso que continua despertando tanta curiosidade.

REFERÊNCIAS

Fundação Getúlio Vargas — Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC).
Senado Federal — Rádio Senado e legislação histórica
Academia Brasileira de Letras — acervo e estudos sobre Ruy Barbosa
Biblioteca Nacional
Câmara dos Deputados — Centro de Documentação e Informação.
Museu da República — acervos relacionados à história política brasileira.
Referências de apoio sobre a Política do Café com Leite, coronelismo e voto de cabresto. Escola Brasil

Tapuiada volta a celebrar a cultura e a história de Paracatu

Após 20 anos longe dos eventos culturais, uma das mais importantes manifestações tradicionais do município retorna com beleza, memória e a força de quem luta para manter viva a cultura de um povo



A noite de 8 de setembro ficará marcada na história cultural de Paracatu. Depois de 20 anos sem participar de eventos culturais, a Tapuiada voltou a se apresentar, levando cor, música, dança e emoção à Fundação Casa de Cultura.

O retorno de uma das mais tradicionais manifestações culturais do município reuniu representantes da cultura, familiares de antigos participantes e pessoas que, ao longo dos anos, lutaram para preservar essa tradição.

Realizado pela Prefeitura de Paracatu, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, em parceria com a Associação Amigos da Tapuiada, o encontro foi também um reencontro com a história. A noite foi marcada por homenagens a pessoas que contribuíram para manter viva a manifestação e pela emoção de ver novamente em cena uma tradição que faz parte da identidade de Paracatu.

A diretora-presidente da Casa de Cultura, Vera Lemos, destacou a importância desse momento.

“É muito importante para todos nós esse resgate da nossa Tapuiada. Isso representa muito para a nossa cultura e nós temos que agradecer todos aqueles que lutaram para que esse momento acontecesse. Depois de 20 anos, aconteceu. Temos que agradecer também ao prefeito, que concordou e decidiu pelo retorno da Tapuiada. Vamos todos abraçar essa oportunidade para que a Tapuiada volte com mais força e com mais brilho ainda, porque ela sempre deixou memórias inesquecíveis”, afirmou.

Representando a Associação Amigos da Tapuiada, Camila Gouveia falou sobre a emoção de ver a manifestação novamente em cena depois de duas décadas de luta. Ela agradeceu especialmente à mãe, Marilda Gouveia da Damasceno, que teve papel fundamental no resgate da tradição,

e lembrou o legado do avô, José Gouveia Damasceno, o Zé Pipoqueiro, que também participou da Tapuiada como espia.

“É com o coração cheio de gratidão que vivemos este momento. Foram 20 anos tentando fazer com que esse dia acontecesse. Se não fosse a força da minha mãe, talvez hoje a Tapuiada não estivesse aqui. Estamos resgatando um legado que veio do meu avô, Zé Pipoqueiro, que também foi espia na Tapuiada. Hoje, com minha mãe, temos a alegria e a emoção de dar continuidade a essa história”, afirmou.

A secretária interina de Cultura, Laura Beatriz, ressaltou que recuperar a Tapuiada significa também preservar a identidade cultural do município.

“Quando uma manifestação se perde, perdemos também uma parte da nossa identidade como povo e como sociedade. Por isso, quero desejar vida longa à Tapuiada e parabenizar a Associação Amigos da Tapuiada por manter essa história viva. Que cada vez mais pessoas tenham interesse em conhecer, preservar e transmitir esse legado, que é a história de tantas famílias e de tantas pessoas de Paracatu”, afirmou.

Memória e gratidão a quem ajudou a preservar a Tapuiada

A programação também foi marcada por uma homenagem especial a homens e mulheres que fizeram parte da história da Tapuiada e que já faleceram.

Foram lembrados Maria Augusta da Silva Alves; José Heleno Alves Meireles, o Sr. Zé de Leno; Floriano Rodrigues da Silva, o Sr. Fulô; Jurandir Dário Gouveia Damasceno, o Dário Alegria; José Gouveia Damasceno, o Zé Pipoqueiro; José Barbosa; Geraldo Roquete Franco e Nenenzão.

Os familiares receberam uma lem-



brança em nome de seus entes queridos. A homenagem mostrou que resgatar a Tapuiada também é reconhecer aqueles que, com trabalho, dedicação e amor, ajudaram a construir essa história.

Uma tradição que atravessa gerações

A história de Paracatu é marcada pelo encontro de diferentes povos e culturas. Com a chegada dos negros que vieram trabalhar nas minas, somada às tradições e crenças dos povos indígenas, foi sendo construída uma cultura própria, rica e cheia de significado.



É desse encontro que nasce uma das manifestações mais importantes da cultura paracatuense: a Tapuiada.

A tradição representa a luta entre congos e tapuios. Na encenação, os dois grupos se encontram, cantam, dançam e entram em combate. Ao final, porém, a disputa dá lugar à reconciliação e à dança, simbolizando a paz entre os grupos.

A Tapuiada é tradicionalmente realizada no dia 8 de setembro, em homenagem a Nossa Senhora do Amparo. Ao longo dos anos, a manifestação passou por algumas adaptações, inclusive em

seus trajes, mas manteve elementos que ajudam a preservar sua identidade.

Os congos aparecem com saiotes ornamentados com fitas coloridas, blusas brilhantes, penas e outros adornos. Os tapuios usam roupas e acessórios inspirados na representação indígena, com penas, guizos, balangandãs e flechas enfeitadas.

Também fazem parte da manifestação os caciques e os espias. Estes últimos, geralmente meninos, têm a missão de observar os inimigos e anunciar a presença dos congos.

A música é outro elemento essencial. Ao som dos tambores e das sanfonas, congos e tapuios cantam e respondem uns aos outros, dando vida à narrativa que atravessa gerações.

No final, quando a disputa chega ao fim, todos celebram a paz com um canto que permanece na memória de quem conhece a tradição:

“Maria, mãe de Tupã, arerê, arerê, arerê, minha gente. Salta e pula de contente, salta e pula de contente.”

É o momento em que a rivalidade termina e a paz é celebrada.

Mais que uma dança, uma parte da nossa identidade

O retorno da Tapuiada depois de 20 anos não representa apenas a volta de uma apresentação cultural. Representa a recuperação de uma parte da memória de Paracatu.

Cada roupa, cada canto, cada personagem e cada passo carrega lembranças de pessoas que vieram antes e deixaram sua marca na história do município.

Por isso, preservar a Tapuiada é mais do que guardar uma tradição. É cuidar da memória de um povo e garantir que as novas gerações possam conhecer suas raízes.

Uma cidade que conhece e valoriza sua história não deixa suas tradições morrerem. A Tapuiada voltou a dançar, mas agora cabe a todos nós garantir que ela nunca mais seja silenciada pelo tempo. Porque quando uma tradição permanece viva, a história também continua viva.



Mutirão amplia acesso a consultas oftalmológicas em Paracatu

Atendimentos realizados no Centro de Especialidades Médicas ajudam a reduzir a espera por consultas e dão continuidade às ações para ampliar o acesso à saúde especializada



Nos dias 3 e 4 de setembro, a Prefeitura de Paracatu, por meio da Secretaria Municipal de Saúde, realizou mais um Mutirão de Consultas de Oftalmologia, no Centro de Especialidades Médicas (CEM).

A iniciativa teve como objetivo ampliar o acesso da população ao atendimento especializado e dar andamento à demanda por consultas oftalmológicas no município. Os pacientes atendidos foram previamente agendados pela Central de Regulação.

O mutirão faz parte de um conjunto de ações que vêm sendo realizadas pela Secretaria Municipal de Saúde para reduzir a espera por atendimentos especializados. Além das consultas oftalmológicas, o município também tem promovido mutirões de catarata, exames e atendimentos em outras especialidades.

Para o secretário municipal de Saúde, Umarques Couto, os mutirões ajudam a ampliar a capacidade de atendimento da rede municipal.

“Nosso objetivo é buscar soluções para que os pacientes tenham acesso ao atendimento de que precisam com mais agilidade. Os mutirões nos permitem ampliar, de forma concentrada, a oferta de consultas e procedimentos e dar andamento às demandas existentes. É um trabalho contínuo para fortalecer a assistência e garantir um atendimento cada vez mais eficiente pelo SUS”, destacou.

O prefeito Pedro Adjuto ressaltou que ampliar o acesso aos serviços de saúde

de representa também investir na qualidade de vida da população.

“Quando conseguimos ampliar o acesso a uma consulta, a um exame ou a um tratamento, estamos cuidando diretamente das pessoas. Nosso compromisso é continuar trabalhando para melhorar os serviços de saúde e oferecer um atendimento cada vez mais humanizado e próximo da população”, afirmou.

Cuidar da visão também é cuidar da qualidade de vida

Problemas de visão podem dificultar tarefas simples do dia a dia, como ler, trabalhar, estudar, dirigir ou até mesmo caminhar com segurança. Por isso, o acompanhamento oftalmológico é importante, principalmente para identificar alterações que muitas vezes começam de forma silenciosa.

A realização de mutirões contribui para ampliar o acesso aos cuidados com a saúde dos olhos e permite que mais pacientes sejam avaliados e encaminhados para o tratamento adequado quando necessário.

Mais do que realizar consultas, ações como essa representam um esforço para aproximar os serviços de saúde da população e garantir que o atendimento pelo SUS aconteça de forma cada vez mais ágil e organizada.

Conhecimento que fortalece o produtor e o cooperativismo

Reunião do Comitê Educativo da Coopervap reúne cooperados, diretoria e parceiros em uma tarde de informação, orientação técnica e troca de experiências



O conhecimento é uma das ferramentas que ajudam o produtor rural a tomar decisões mais seguras e preparar sua atividade para os desafios do campo. É com esse propósito que o Comitê Educativo da Coopervap realiza, ao longo do ano, encontros que aproximam cooperados, diretoria e parceiros.

No dia 8 de setembro, o auditório da Coopervap recebeu mais uma dessas reuniões. O encontro proporcionou uma tarde de informação, orientação e conhecimento técnico, reforçando também a importância da participação dos cooperados na construção e no fortalecimento do sistema cooperativista.

A programação começou, como de costume, com um momento de oração conduzido pela cooperada Marinice Mascarenhas. Em seguida, o vice-presidente Lionel Oliveira conversou com os participantes sobre questões que fazem parte do dia a dia do produtor, entre elas o planejamento diante das condições climáticas, o cenário econômico, os custos de produção e a necessidade de cautela na utilização do crédito.

Lionel também destacou o sucesso da Cooper Show e reforçou a importância da participação consciente dos cooperados nas decisões que influenciam o setor.

O presidente Valdir Oliveira ressaltou o valor das parcerias para aproximar dos

associados novas informações, soluções e oportunidades. Entre os parceiros presentes estavam o Sicredi e a Timac Agro.

Liderada pela gerente da agência local, Elisabeth Soares, a equipe do Sicredi apresentou a instituição e suas opções de soluções financeiras e crédito voltadas aos cooperados.

Encerrando a programação, Mayra Basilio, da Timac Agro, ministrou uma palestra sobre silagem. Foram abordados temas como manejo, fertilidade e correção do solo, nutrição das plantas e fatores que interferem diretamente na produtividade. A importância da silagem na alimentação dos rebanhos e sua relação com os custos da atividade leiteira também estiveram entre os assuntos apresentados.

Mais do que uma reunião, o encontro mostrou a força do cooperativismo quando informação, experiência e participação caminham juntas. Para o produtor, estar presente nesses espaços significa ampliar conhecimentos, conhecer novas possibilidades e levar para a propriedade informações que podem contribuir para decisões mais conscientes.

É justamente essa a essência do Comitê Educativo: aproximar, informar, orientar e dar voz ao cooperado, fortalecendo os laços que fazem da cooperação uma importante ferramenta para o desenvolvimento do produtor e do setor rural.

QUALIDADE, CONFIANÇA E BOM ATENDIMENTO

ELETRO NEIVA

O que há de melhor em materiais elétricos e iluminação!

Não feche nenhum orçamento antes de passar aqui!

#cobrimos ofertas

3671.1435 - 9 9845.6096

Rua Josino Valadares, 131 - Centro - Paracatu

